

MÓNICA SANTOS PEREIRA

**A relação entre *self*-esquemas sexuais, *self*-consciência e *self*-regulação
e a coerção sexual subtil: um estudo correlacional com adultos
portugueses**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2024

MÓNICA SANTOS PEREIRA

**A relação entre *self*-esquemas sexuais, *self*-consciência e *self*-regulação
e a coerção sexual subtil: um estudo correlacional com adultos
portugueses**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof^ª. Doutora Alexandra Gomes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2024

**A relação entre *self*-esquemas sexuais, *self*-consciência e *self*-regulação
e a coerção sexual subtil: um estudo correlacional com adultos
portugueses**

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura da Discente

Mónica Santos Pereira

Copyright* © 2024, *Mónica Santos Pereira

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

*“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo
para a vitória é o desejo de vencer”*

Mahatma Gandhi

Primeiramente gostaria de agradecer à Professora Alexandra Gomes por todo o apoio que me deu ao longo desta batalha chamada “Tese”. Agradecer toda a disponibilidade, dedicação e motivação que teve para comigo e que permitiram que eu terminasse esta fase tão importante dentro dos prazos que me impus a mim mesma. Por todo o carinho e a ajuda às minhas dificuldades, estou imensamente grata de coração.

A todas as minhas amigas, a minha Marisa e Beatriz, que, mesmo longe, estiveram presentes. Um agradecimento especial para as minhas Inês que passaram vários dias ao meu lado enquanto fazia a tese e me foram dando motivação e apoio... obrigada pela paciência! À minha Bia que mesmo em Lisboa “esteve” sempre comigo. E por fim, à minha Laura e Patrícia por estarem também presentes nesta caminhada. Têm todas um lugarzinho especial no meu coração.

E por fim agradecer à minha família. De um modo especial aos meus pais por todo o amor e apoio incondicional que me deram neste caminho difícil. Sem vocês nada disto teria sido possível. Amo-vos!

Resumo

A coerção sexual é uma forma de violência sexual que pode ser definida como o uso de táticas não físicas perante a recusa de envolvimento numa relação sexual por um dos parceiros. A presente investigação pretende estudar a relação entre os *self*-esquemas sexuais, a *self*-consciência e *self*-regulação com a coerção sexual subtil através de um estudo correlacional com população adulta portuguesa. Foi criado um questionário sociodemográfico, com o intuito de recolher informação relativa à idade, género, estado civil dos participantes. Utilizou-se ainda a versão portuguesa da Escala de *Self*-esquemas sexuais de Andersen e Cyeanowski (1994) para mulheres e da escala para homens de Andersen (1999), intitulada “Descreva-se a si próprio”, a Escala de *Self*-consciência de Scheie e Carver (1997), a Escala de *Self*-regulação de Schwarzer, Diehl e Schmitz (1999) e as Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima de Mathes e McCoy (2011). A amostra foi composta por 218 participantes, 130 mulheres e 88 homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos. Os resultados deste estudo não se revelaram significativos, de modo que não nos foi possível o estabelecimento de um modelo teórico explicativo da coerção sexual.

Palavras-chave: coerção sexual; *self*; *self*-esquemas sexuais; *self*-consciência; *self*-regulação.

Abstract

Sexual coercion is a form of sexual violence that can be defined as the use of non-physical tactics when one of the partners refuses to engage in a sexual relationship. The present investigation aims to study the relationship between sexual *self*-schemas, *self*-awareness, and *self*-regulation with subtle sexual coercion through a correlational study with the Portuguese adult population. A sociodemographic questionnaire was created, with the aim of obtaining information regarding the age, gender, and marital status of the participants. The Portuguese version of the Sexual *Self*-Schemas Scale by Andersen and Cyeanowski (1994) was also used for women and the scale for men by Andersen (1999), entitled “Describe yourself”, the *Self*-Consciousness Scale by Scheie and Carver (1997), the *Self*-Regulation Scale by Schwarzer, Diehl and Schmitz (1999) and the Perpetrator and Victim Sexual Coercion Scales by Mathes and McCoy (2011). The sample consisted of 218 participants, 130 women and 88 men, aged between 18 and 71 years. The results of this study were not significantly revealed, so it was not possible for us to establish a theoretical explanatory model of sexual coercion.

Keywords: sexual coercion; *self*; sexual *self*-schemas; *self*-awareness; *self*-regulation.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico	2
2.1 A coerção sexual.....	2
2.2 Impacto da coerção sexual na saúde mental das vítimas.....	4
2.3 Compreensão da coerção	5
2.4 Preditores da coerção.....	7
3. O <i>Self</i>	9
3.1 <i>Self-esquemas</i> Sexuais	11
3.2 <i>Self</i> -consciência e <i>self</i> -regulação	12
4. Metodologia	15
4.1 Objetivo	15
4.2 Amostra	15
5. Medidas	16
5.1 Questionário Sociodemográfico	16
5.2 <i>Self</i> -esquema sexual.....	16
5.3 <i>Self</i> -consciência. (Scheie, & Carver, 1977).....	18
5.4 Escala de <i>self</i> -regulação (Schwarzer et al., 1999)	18
5.5 Escalas de Coerção Sexual do Perpetuador e da Vítima	19
6. Procedimento.....	20
6.1 Procedimento de recolha de dados	20
6.2 Procedimento da análise de dados	20
7. Resultados	20
7.1 <i>Self</i> -esquema sexual.....	21
7.2 Escala de <i>Self</i> -consciência	23
7.3 Escala de <i>self</i> -regulação.....	26
7.4 Escalas de Coerção Sexual do Perpetuador e da Vítima	27
7.5 Variáveis da Vitimização e da Perpetração	34
8. Discussão.....	40
9. Referências Bibliográficas	45

Índice de Tabelas

Tabela 7.1 Estatísticas Descritivas da Escala do Self-esquema sexual	21
Tabela 7.2 Correlações da Escala de Self-esquemas Sexuais	22
Tabela 7.3 Estatísticas Descritivas da Escala de Self-Consciência	24
Tabela 7.4 Correlações da Escala de Self-consciência.....	25
Tabela 7.5 Estatísticas Descritivas da Escala de Self-Regulação.....	26
Tabela 7.6 Estatísticas Descritivas das Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima	28
Tabela 7.7 Correlações das Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima....	29
Tabela 7.8 Correlações entre as Variáveis em estudo	32
Tabela 7.9 Estatísticas Descritivas das Variáveis de Vitimização e da Perpetração.....	34
Tabela 7.10 Correlações das Variáveis de Vitimização e Perpetração.....	35
Tabela 7.11 Correlação entre a Vitimização e a Perpetração com as Variáveis Sociodemográficas e com as Questões sobre as Relações Atuais	35
Tabela 7.12 Correlação entre a Vitimização e a Perpetração e Questões sobre as Relações Anteriores	37
Tabela 7.13 Correlação entre a Vitimização e Perpetração e as restantes variáveis em estudo.....	38

Índice de Figuras

Figura 7. 1 Gráfico da Escala de Self-Esquemas Sexuais	23
Figura 7. 2 Gráfico a Escala de Self-Consciência	25
Figura 7. 3 Gráfico da Escala de Self-Regulação.....	27
Figura 7. 4 Gráfico das Escalas de Coerção do Perpetrador e da Vítima.....	30

1. Introdução

Neste documento iremos abordar o tema da coerção sexual e quais serão os seus possíveis preditores. Esta temática foi escolhida em virtude de na literatura existente ainda não ter sido elaborado um modelo teórico explicativo da coerção sexual quando esta se apresenta na sua forma mais subtil no seio das relações de casal.

Imaginemos o seguinte cenário: Um homem regressa no final do dia ao seu lar com a pretensão de se envolver sexualmente com a sua esposa. Esta, que passou um dia extenuante no trabalho, chegou a casa, preparou o jantar e ainda se encontra com uma imensa dor de cabeça, recusa dizendo que não lhe apetece. O marido insiste obstinadamente, e a mulher acaba por ceder. Contrariada, tem relações sexuais com o seu conjugue.

Porque é que este género de situações é tão comum na nossa sociedade? O que é que leva o homem a persistir e a esposa a ceder? A esta conduta imprópria do marido chamamos de coerção sexual. A coerção sexual pode ser definida como qualquer tipo de comportamento que seja exercido para forçar o desejo sexual de outra pessoa (Francisco, 2022).

Ao longo deste estudo tentaremos aprofundar também o conceito do *self*, de modo a tentarmos compreender no que este consiste, de que forma poderá afetar os nossos comportamentos, como pode ser ameaçado e se existirão variáveis deste que poderão predizer a coerção sexual.

Para uma melhor compreensão da influência do *self*, que segundo Carl Jung pode ser compreendido como a imagem da totalidade da psique, abrangendo consciente e inconsciente e o próprio eu (Raffaelli, 2002), optamos por estudar três das suas subdimensões: os *self*-esquemas sexuais, que consistem na avaliação que o indivíduo realiza sobre os seus próprios sentimentos ou ações sexuais (Winter, 1988), a *self*-consciência, que pode ser definida como “Quando a atenção é direcionada para dentro e a consciência do indivíduo está focada em si mesma, ele é o objeto de sua própria consciência” em Duval e Wicklund (1972, p.3), e a *self*-regulação que consiste habilidade de monitorizar e regular as emoções, a cognições e os comportamentos (Linhares & Martins, 2015).

Pretendemos avaliar a existência de alguma característica do *self*, algum défice na *self*-regulação, por exemplo, que leve uma pessoa a forçar um envolvimento para obter contacto sexual com um parceiro que não o deseja. Faremos uma breve abordagem à Teoria do Controlo e *Self*-regulação para compreendermos melhor a subdimensão da *self*-regulação e de que forma ela influencia o comportamento humano.

Por fim, tentaremos entender se existirá uma relação entre os *self*-esquemas sexuais, *self*-consciência e *self*-regulação e a coerção sexual subtil de modo a construirmos um modelo teórico explicativo desta temática.

2. Enquadramento Teórico

2.1 A coerção sexual

Segundo a OMS, podemos descrever o conceito de violência sexual como qualquer tentativa de obter um ato sexual, comentários ou insinuações de carácter sexual, ou tráfico, direcionados contra a sexualidade de uma pessoa com o uso da coerção, independentemente da relação da pessoa com o agressor. Inclui violação, que é a penetração do corpo da vítima com uso da força, ameaça do uso de força ou quando a vítima não pode dar consentimento devido a circunstâncias como sono, intoxicação ou deficiência mental.

Ao longo da vida, uma em cada três mulheres - cerca de 736 milhões de pessoas -, é submetida à violência física ou sexual por parte de seu parceiro ou violência sexual por parte de um não parceiro (OMS, 2021).

Em Portugal, no último relatório de Estatísticas da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) (2023), foram identificadas 2219 vítimas que sofreram alguma forma de violência sexual.

A coerção sexual é uma forma de violência que se insere dentro do espectro da violência sexual, na medida em que é um tipo de violência sexual que se caracteriza por comportamentos direcionados a compelir um indivíduo a iniciar atividade sexual contra a sua vontade (Krahé, 2014), apesar de não abranger atos extremos, como a violação.

O conceito de coerção sexual tem sido alvo de múltiplas definições ao longo dos últimos anos.

A coerção sexual pode ser definida como o uso de táticas não físicas perante a recusa de envolvimento numa relação sexual por um dos parceiros, que pode apresentar-se sob várias formas tais como: discussões contínuas, ameaças de terminar a relação, manipulação verbal, manipulação emocional e engano, ignorar os pedidos verbais das vítimas para pararem (sem recurso à força) e intoxicação intencional (através de álcool ou drogas) para reduzir as inibições, entre outras. (Degue, 2010; Schatzel-Murphy, 2009).

A coerção sexual pode também ser definida como diferenças individuais de poder, mostrando desagrado a uma rejeição de uma tentativa de beijo, ou o uso de força física para se envolver em comportamento sexual com uma vítima. (Barbaro, 2018)

Embora os atos sexualmente coercivos sejam, por definição, menos graves do que os crimes sexualmente agressivos (que envolvem a ameaça ou o uso de força física) as provas sugerem que este tipo de vitimização é um problema social generalizado (Degue & Dilillo, 2004).

A prevalência e as correlações das táticas não físicas utilizadas quando um dos parceiros tenta obter sexo e o outro não o deseja ou recusa já foram anteriormente abordadas por alguns autores. Contudo, até à data não foram apresentados resultados concretos no que diz respeito, à prevalência de género da coerção sexual. É possível verificar que em estudos mais antigos, havia uma prevalência da violência, em geral, de homem para mulher. Com o avançar dos anos, é possível verificar que começou a existir um maior reporte por parte dos homens. Não obstante de existirem mais estudos a corroborar a ideia de que são as mulheres quem mais sofrem com a coerção sexual, a evidência empírica demonstra que a violência entre parceiros íntimos se caracteriza por trocas mútuas de agressões, contradizendo esta ideia de agressão unilateral homem-mulher (Anjos, 2022). Destaco o estudo de Hadjicharalambous e Sisco (2016) que refere que 79.1% dos estudantes do sexo masculino e 78.4% dos estudantes do sexo feminino não respeitaram, de alguma forma, os limites do parceiro (Anjos, 2022). Neste estudo, os homens universitários entrevistados denotaram taxas elevadas de coerção sexual. Por exemplo, 22,4% relataram ter usado "pressão verbal extrema", 37% a 69% admitiram ter usado táticas de "manipulação verbal", e 32,4% indicaram ter-se envolvido em

"manipulação emocional e engano" para obter sexo com uma parceira relutante (Anjos, 2022).

Na literatura existente, encontram-se mais estudos que apontam que os homens são mais perpetradores do que as mulheres. Contudo, a este facto poderá estar subjacente a convicção da sociedade de que o sexo feminino não tem tanta propensão para se envolver em atos coercivos. Ao longo das últimas décadas tem-se vindo a desconstruir esta ideia. Mulheres e homens perpetram, mas enquanto as mulheres tendem para se assumir como vítimas, os homens optam por ocultar esse facto. Estudos como os de Stemple e Meyer (2014), Masters e Sarrel (1982), Walker et al (2005) e Judson et al. (2013) afirmam que os homens vítimas de coerção sexual sofrem sequelas semelhantes às das mulheres. Um grande número de vítimas de coerção sexual está essencialmente a ser ignorado, o que aparenta dever-se à crença de que se prestarmos atenção às vítimas masculinas de coerção sexual, isto diminui a atenção às vítimas femininas. Não obstante de existir uma maior prevalência de perpetradores do sexo masculino, as vítimas homens não devem ser menosprezadas (DiMarco, 2024). Os danos causados pela coerção sexual são custosos em todas as vítimas independentemente do seu género.

2.2 Impacto da coerção sexual na saúde mental das vítimas

Os efeitos da coerção sexual na saúde mental das vítimas podem variar de acordo com a gravidade da coerção, a relação entre a vítima e o agressor, o tempo decorrido desde o incidente e outros fatores individuais.

Ao longo dos últimos anos foi aprofundado o impacto negativo da coerção sexual na saúde mental em termos de género. Hanson realizou um estudo que demonstrou que mulheres que foram coagidas sexualmente têm uma probabilidade significativamente maior de sofrer episódios depressivos graves ou perturbação de stress pós-traumático, cujos sintomas incluem depressão, vergonha, desespero e retraimento social (Hanson, 2001). Por outra instância, King et al. descobriram que os homens que tinham tido contactos sexuais não consentidos na idade adulta tinham mais probabilidades de sofrer perturbações psicológicas sob a forma de ansiedade, depressão e/ou perturbações do sono e de apresentar comportamentos auto-lesivos (King, 2002). Alguns estudos sugerem também que o bem-estar dos homens é igualmente afetado por sintomas como a ideação suicida, a depressão, entre outros (Struckman-Johnson, 1990).

Apesar das provas relativas às consequências negativas da coerção sexual, a magnitude do impacto depende do tipo de coerção sofrida. Siegel et al. (1990) descobriram que a maior prevalência de depressão foi encontrada naqueles que tinham sido pressionados a ter relações sexuais do que naqueles que foram pressionados a ter outros tipos de contacto sexual (por exemplo, carícias).

Os sintomas depressivos estavam mais presentes naqueles que tinham sofrido ameaças físicas do que naqueles que tinham sido apenas pressionados verbalmente. Resultados semelhantes foram encontrados por Zweig et al. (1997), que descobriram que a coerção sexual através da força estava associada a uma saúde mais precária em comparação com as pessoas que tinham sido pressionadas verbalmente. Estes resultados realçam a importância de analisar o impacto dos tipos de coerção sexual na saúde mental das vítimas.

A coerção sexual poderá afetar de diferentes formas as pessoas e as suas relações. Alguns indivíduos procuram vê-la como um fortalecedor da relação, tentando interpretar estes atos como um sinal de interesse por parte do parceiro. Contudo, a coerção sexual é algo que não deve ser romantizado, e pode acabar por trazer as repercussões negativas supracitadas. Num estudo realizado por Wolf (2005), foi constatado que a coerção sexual em amostras de adultos está associada a dificuldades sexuais, como auto-perceções sexuais negativas, menor desejo sexual e menor satisfação. Essas dificuldades sexuais acabam por resultar em dificuldades na relação de casal.

Todavia, nem sempre é fácil para as pessoas perceberem que estão a ser vítimas de coerção sexual, muitas vezes pela dificuldade que têm em perceber o que é saudável e o que não é num relacionamento.

2.3 Compreensão da coerção

A caracterização da coerção sexual apresenta diversas dificuldades devido à natureza complexa e muitas vezes subtil desse comportamento. Com base na literatura existente, constatamos a existência de duas grandes dificuldades na compreensão da coerção sexual. A primeira relacionada com uma possível falha em entender o consentimento ou não consentimento da vítima por parte do perpetrador e uma segunda relacionada com as atribuições por parte das vítimas ao que é ou não um comportamento abusivo.

Algumas das principais dificuldades dos perpetradores incluem a subjetividade do consentimento, já que a linha entre uma decisão consensual e a coerção pode ser ténue, especialmente quando há pressão emocional, manipulação ou outros fatores envolvidos. A incompreensão do interesse sexual da mulher parece estar implicada no processo que conduz à coerção sexual. Com base em informações erradas sobre o interesse da parceira, pode ser mais provável que o perpetrador interprete as pistas ambíguas de não consentimento como resistência simbólica e continue a fazer avanços sexuais apesar do não consentimento da companheira, acreditando que a verdadeira motivação interna da dela é prosseguir o encontro sexual (Farris, 2008).

Táticas menos evidentes podem também dificultar a identificação e caracterização da coerção, pois podem não haver evidências físicas óbvias. Quando a coerção ocorre dentro de relacionamentos íntimos, isto dificulta caracterização dos eventos já que as relações de poder e a dependência emocional podem confundir a percepção das vítimas e dificultar a denúncia. O facto de algumas vítimas poderem não estar cientes de que estão a ser coagidas, especialmente se a coerção for subtil e gradual, poderá dificultar a sua consciencialização de que estão a ser vítimas de coerção.

“A sexualidade pertence à esfera privada da intimidade, e a vida sexual privada de uma pessoa tradicionalmente não é algo que é discutido abertamente. A coerção sexual por parte de um parceiro íntimo ou cônjuge é uma questão ainda mais oculta do que a violência nas relações íntimas e a violação” (Alsaker, 2018). Por esta razão, por ser imperativo esta temática ficar somente entre casal, surgem as dificuldades por parte das vítimas em compreender o que é abusivo e o que é normativo numa relação.

As normas culturais e sociais podem igualmente influenciar a percepção e a caracterização da coerção sexual. Em algumas culturas, certos comportamentos coercitivos podem ser normalizados, o que dificulta a avaliação do consentimento. Num estudo realizado na Índia, foi atestado que as mulheres são discriminadas, por exemplo, devido ao seu vocabulário limitado, o que faz com que tenham menos poder e estatuto no seio da família. Estas acabam por pagar um preço terrível para preservar a sua identidade no seio da cultura, o que muitas vezes justifica a violência contra as mulheres (Rani, 2020).

Num estudo realizado em 2017 por Jeffrey et al., nas suas descrições coerção sexual, muitas mulheres culpavam-se a si próprias por não dizerem não e

minimizaram/normalizaram a sua agressão sexual ou coerção, descrevendo-a como "nada de grande coisa", ou indicando que "coisas assim simplesmente acontecem". Algumas mulheres também referiram uma série de razões pelas quais tinham menos probabilidades de classificar uma experiência de coerção sexual (definida em sentido lato como coerção sexual verbal e física, incluindo violação) como abuso ou agressão sexual, incluindo o facto de terem dado o seu consentimento sob coação, a autculpa, a ausência de força física, o facto de terem tido a possibilidade de a impedir, mas terem optado por não o fazer, o facto de não terem sofrido danos graves, ou não ter certeza de como rotulá-lo.

Devido à natureza muitas vezes subtil destes atos, é clara a dificuldade que muitas mulheres têm em caracterizar o que é ou não é coerção. Então, mas existirão formas de percebermos, por exemplo, quem é mais propício a praticar a coerção sexual? Existirão formas de detetarmos um possível perpetrador e assim, evitarmos relacionar com esta pessoa?

2.4 Preditores da coerção

Vários fatores têm vindo a ser identificados como possíveis preditores deste comportamento abusivo e entre os mais abordados estão os abusos sexuais prévios ou a dificuldade das vítimas em interpretar que estão a ser coagidas a um ato que não desejam.

Lalumière et al. (1996, 2005) sugeriram que a coerção sexual masculina pode fazer parte de uma estratégia de acasalamento centrada na quantidade de parceiras e não na qualidade das relações. Os resultados atuais sugerem que a experiência de abuso sexual na infância pode estar associada a esta estratégia específica.

Os maus-tratos na infância têm sido identificados com considerável consistência como um fator de risco de agressão sexual subsequente nos homens. Foi descrito um ciclo "vítima-perpetrador" que sugere que os homens com experiência de abuso sexual na infância têm maior probabilidade de se tornarem sexualmente agressivos do que os homens sem história de abuso sexual (Browne, 1994). Anderson (1996) apresentou provas de um ciclo vítima-perpetrador semelhante para mulheres vítimas de maus-tratos na infância. Ele mostrou que as mulheres que foram abusadas sexualmente quando crianças tinham uma probabilidade significativamente maior de se envolverem em coerção verbal, agressão física e exploração sexual do que as mulheres que não foram abusadas (Anderson, 1996).

Indivíduos que têm um histórico de exposição à violência, abuso ou trauma parecem estar em maior risco de perpetuar a coerção sexual e isso pode resultar de experiências traumáticas não resolvidas que afetam negativamente os padrões de relacionamento. Para os homens, o abuso sexual prévio previu a coerção sexual através da dominância sexual, enquanto, para as mulheres, o abuso sexual prévio previu a coerção sexual através da compulsividade sexual (Schatzel-Murphy et al., 2009).

Um outro preditor da coerção sexual é percepção errada da intenção da vítima. Embora estas falhas de compreensão por parte dos perpetradores levem a resultados negativos, mas facilmente retificáveis, muitas vezes tal não acontece e a coerção sexual acaba por ser a “porta de entrada” para abusos mais graves. Em geral, as investigações, têm demonstrado de forma consistente que a percepção incorreta da intenção sexual da pessoa coagida está relacionada com a probabilidade de recurso à coerção sexual por parte do agressor. Bouffard (2023), realizou uma investigação sobre a percepção errada da intenção e detetou vários correlatos dessas percepções incorretas, a título de exemplo, a forma como a excitação sexual da vítima pode estar relacionada com a percepção incorreta da sua intenção no envolvimento com o perpetrador. Ainda assim, neste estudo iremos concentrar nas formas de coerção mais subtis, aquelas que ocorrem entre casais e que acabam por ser, muitas vezes, negligenciadas e assumidas como “normais”.

Nos casamentos, por exemplo, a coerção sexual verbal ou pressão psicológica pode vir na forma de indução positiva ou ameaças de consequências negativas. A indução positiva pode envolver palavras gentis, românticas, ou elogios excessivos destinados a provocar um sentimento de obrigação de fazer sexo para demonstrar amor ou carinho. Alternativamente, ameaças de terminar um relacionamento, fazer sexo com outras mulheres, expressar insatisfação com a vida sexual conjugal e acusar as mulheres de infidelidade englobam a última tática (Teixeira, 2013).

Seduções, ameaças e insistências são práticas comuns na coerção sexual. Mas o que levará uma pessoa a minimizar um “não” por parte de um parceiro? A assumir que o “não” se transformará num “sim” se insistir um pouco mais? Vários fatores poderão ser explicativos destes eventos. Alguns deles já foram estudados anteriormente por diversos autores. Simons et al. (2012) estudaram os fatores da parentalidade severa e da pornografia como explicações para a coerção sexual dos homens e concluíram que os homens correm um risco elevado de utilizar táticas sexualmente coercivas quando o consumo de pornografia lhes incutiu uma imagem das mulheres como objetos sexuais e

os castigos corporais os ensinaram a utilizar a intimidação ou a manipulação para conseguirem o que querem. Num outro estudo, realizado por Basting et al. (2023) foram também encontradas associações positivas entre o narcisismo sexual e a hipersexualidade à coerção sexual. Concluíram que quando os indivíduos com narcisismo sexual elevado enfrentam rejeição depois de iniciarem uma tentativa de coação, é mais provável que respondam com coerção em vez de terminarem os seus avanços sexuais. Como os indivíduos com narcisismo sexual elevado podem ter uma perceção mais elevada das suas capacidades sexuais acabam por ter mais sensibilidade à rejeição interpessoal, o que pode conduzir a atos mais impulsivos para conseguirem o que desejam com o parceiro. Extrapolamos então, que estes indivíduos poderão ter um défice na sua *self*-regulação.

Um dos objetivos deste estudo é a procura de uma correlação da coerção sexual com a *self*-regulação. Existirá algum défice neste fator que possa levar o indivíduo a ter uma maior predisposição à perpetração de coerção sexual?

Como referido no estudo de Basting e colegas, pessoas narcisistas têm uma maior predisposição para a prática de coerção sexual e isto poderá dever-se ao facto de estes indivíduos verem as pessoas como coisas/objetos, meramente como meios para demonstrar o seu poder e satisfazer as suas necessidades de autoridade. Isto, por sua instância, resulta na referida maior sensibilidade à rejeição interpessoal levando-os a reagir de formas inadequadas, revelando dificuldades em regularem as suas vontades e os seus atos. Podemos, por tanto, inferir que estas pessoas têm um nível de *self*-regulação inferior. A que se deverá tal sensibilidade à rejeição? Neste estudo iremos avaliar a hipótese de tal se poder relacionar com um problema de ameaça ao *self*. Afetarà a rejeição a forma os perpetradores se vêem? O seu *self*?

3. O *Self*

Numa aceção geral, entende-se por *self* aquilo que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade, isto é, a sua essência. O termo *self* em português pode ser traduzido por "si" ou por "eu", mas a tradução portuguesa é pouco usada em redações em psicologia, pelo que optamos por manter o anglicanismo *self*.

O *self* tem sido um tema de investigação interessante desde a antiguidade. No entanto, tal como se refere na literatura, trata-se de um fenómeno complexo. Dada a sua complexidade, não existe uma definição única do *self* ou do sentido do *self*.

O *self* tem sido descrito por diversos autores como a totalidade da experiência de ser alguém que tem substância física (o corpo) e substância não física (experiência, pensamentos) (Baumeister, 1999). O sentido do *self* é a experiência contínua de ser uma pessoa completa e autêntica que se sente no controle das suas próprias atividades (Basten, 2020). Um sentido de *self* significa simplesmente que existe a sensação de que alguém está a ver, ouvir, sentir ou fazer coisas, para além de características específicas, como comportamentos, pensamentos, valores, atitudes e emoções (Mai, 2023).

Este termo foi utilizado inicialmente por vários psicanalistas ingleses, entre eles Donald Winnicott, para designar a pessoa enquanto lugar de atividade psíquica, ou seja, o *self* seria o produto de processos dinâmicos que asseguram a unidade e a totalidade do sujeito. Winnicott mostra que o *self* é uma unidade baseada no funcionamento corporal, no qual as funções corporais e o cuidado materno são os elementos originadores da unidade e da individualidade da criança. “Para mim, o *self*, que não é o ego, é a pessoa, que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação (...) O *self* descobre-se naturalmente localizado no corpo” (Paulo, 2006).

Num outro prisma, Hartmann adota o termo *self* principalmente para designar a representação da própria pessoa, que, assim como as representações de objeto, se pode situar no ego, no superego ou no id. Noutras palavras, o conceito de *self*, que será tomado como base para a obra de Kohut, marca a oposição entre o investimento libidinal em si próprio e o investimento nos objetos (Coutinho, 1997).

O *self* inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único, o que envolve a representação mental de experiências pessoais (Gazzaniga & Heatherton, 2003). São as nossas emoções, pensamentos, memórias e valores em interação, é o que nos torna quem somos e o que nos diferencia dos outros. Essa definição destaca características permanentes e universais e não discrimina as mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento ou entre diferentes culturas (Macedo & Silveira, 2012).

A autora Hazel Markus refere a existência de *self*-esquemas que se desenvolvem em torno desses aspetos do eu. As estruturas de conhecimento sobre o *self* tornam-se elaboradas e diferenciadas a cada novo conjunto de experiências ou eventos *self*-relevantes. Os *self*-esquemas fornecem um ponto de vista, uma âncora ou um quadro de

referência e estes são usados para interpretar e controlar respostas ao mundo, regulando cognições, afetos e comportamentos (Markus, 1983).

3.1 Self-esquemas Sexuais

Partindo da noção de que o *self* é multifacetado (Carver & Scheier, 1981), Andersen e Cyranowski (1994) sugeriram que um dos tipos centrais de esquemas que os seres humanos desenvolvem são os *self*-esquemas sexuais: generalizações cognitivas sobre aspectos sexuais do *self*. Propuseram que os *self*-esquemas sexuais se desenvolvem como resultado de observações feitas pelos indivíduos sobre os seus próprios comportamentos, emoções, atitudes e juízos sexuais. Além disso, sugeriram que os indivíduos utilizam estes *self*-esquemas sexuais para prever como atuarão em situações futuras e como tomarão decisões sexuais (Andersen et al., 1999) Propuseram que, conceitualmente, o conteúdo das *self*-visões sexuais dos homens deveria ser diferente das *self*-visões sexuais das mulheres. Com base neste pressuposto, desenvolveram medidas de *self*-esquema sexual semelhantes, mas separadas para homens e mulheres (Andersen & Cyranowski, 1994; Andersen et al., 1999).

As medidas de *self*-esquema sexual desenvolvidas por Andersen estão relacionadas de forma significativa e esperada com outras variáveis e resultados sexuais. Por exemplo, Andersen e Cyranowski (1994) descobriram que mulheres com *self*-esquemas sexuais altamente positivos tinham maior probabilidade de relatar atitudes positivas sobre a sua própria sexualidade e comportamentos sexuais, relatar níveis mais altos de excitação sexual e ter repertórios sexuais mais extensos.

Um indivíduo com um *self*-esquema sexual mais positivo pode refletir mais positivamente sobre as experiências sexuais ou pode estar aberto a mais formas de comportamento sexual. Como os indivíduos usam os seus *self*-esquemas sexuais para dar sentido ao mundo, um indivíduo com um *self*-esquema mais positivo pode julgar as suas experiências passadas como mais satisfatórias (Markus & Wurf, 1987).

Os *self*-esquemas sexuais servem como uma lente através da qual a informação sexual relacionada com os aspectos sexuais do eu é processada. Esta inclui também a forma como um indivíduo interpreta os sinais sexuais, os comportamentos e a satisfação sexual de um parceiro (Mueller et al., 2016). Informa sobre o comportamento sexual atual e futuro, as preferências no comportamento sexual e inferências sobre eventos sexuais (Andersen & Cyranowski, 1994).

Por exemplo, se um indivíduo acredita que as suas experiências sexuais são sempre excelentes tanto para ele, como para os seus parceiros sexuais, isto poderá ser um preditor de coerção sexual. O perpetrador poderá insistir até conseguir o “sim” por acreditar que posteriormente a “vítima”, irá acabar por apreciar o ato. Nesta perspetiva, podemos inferir que poderá existir uma ameaça ao *self*. No caso, ao *self*-esquema sexual que é tido como positivo. A pessoa tem uma imagem de si mesma como muito boa e a negação do ato poderá abalar esta crença.

Mas quem terá mais propensão para perpetração da coerção sexual? Um indivíduo que tem *self*-esquemas sexuais positivos? Ou, pelo contrário, alguém que poderá ter uma menor clareza destes esquemas? Na extensão do meu conhecimento, esta relação ainda não foi estudada, pelo que levanto possibilidade de que ambas as hipóteses são plausíveis de serem verdadeiras. Um indivíduo que tenha *self*-esquemas sexuais positivos poderá ter propensão para a perpetração dado que, como referido anteriormente, este revela grande confiança nas suas habilidades sexuais e uma recusa poderá abalar esta crença, resultando na coerção sexual para tentar alcançar o pretendido. Por outro lado, um indivíduo que não tenha tanta clareza dos seus *self*-esquemas sexuais poderá igualmente ter propensão para a perpetração. Ele poderá tentar através do uso da coerção sexual, encontrar uma forma conseguir o envolvimento sexual desejado e assim desenvolver um *self*-esquema sexual mais positivo de si, como alguém que consegue o que quer se insistir um pouco mais. Em ambas as hipóteses podemos estar perante défices na *self*-consciência e *self*-regulação.

3.2 *Self*-consciência e *self*-regulação

A *self*-consciência é a base para a inteligência emocional, a *self*-regulação e a maturidade emocional (Vieira, 2020). Para que nos compreendamos melhor e consigamos gerir de forma adaptativa os nossos pensamentos, emoções e comportamentos é fundamental trabalhar a nossa capacidade de nos monitorizarmos proativamente. Não é só compreendermos sobre nós próprios, mas também monitorizarmos o nosso mundo interior, reconhecê-lo, aceitá-lo e desenvolver alguma agilidade emocional de acordo com o nosso *self*. Pessoas *self*-conscientes tendem a agir conscientemente.

Em estudos realizados no passado, alguns investigadores, como, Miller, Murphy, e Buss em 1981, estabeleceram uma distinção entre *self*-consciência pública e privada. *Self*-consciências pública e privada são encaradas como predisposições para atender, respetivamente, aos aspetos público e privado do *self*. Se a última é percecionada

exclusivamente pelo próprio indivíduo – tudo o que respeita ao *self* interior –, já a primeira pode ser observada externamente, prendendo-se com a aparência, hábitos e comportamentos individuais. O *self* público consiste em estímulos observáveis *self*-produzidos, tais como a aparência corporal, o vestuário, enfeites pessoais, discurso e expressões faciais. Por sua vez, o *self* privado, consiste, igualmente, em estímulos produzidos pelo *self*, mas que não são observáveis publicamente, tais como autoavaliações, pensamentos, sensações corporais internas e sentimentos ou emoções (Mónico, 2003).

Por outra instância, a essência da *self*-regulação é a anulação de respostas ou tendências que de outra forma ocorreriam, é a capacidade de evitar que se responda de uma determinada forma (Baumeister & Boden, 1998). Se os desejos sexuais surgem espontaneamente e talvez de forma incontrolável, as pessoas têm de se *self*-regular para não expressarem esses desejos de forma socialmente inadequada ou de outras formas indesejáveis (Gailliot, 2007). Isto leva-nos então a acreditar que uma pessoa com um bom nível de *self*-controlo e *self*-regulação conseguirá aceitar um “não” do parceiro, mesmo que os seus impulsos sexuais o levem a querer insistir.

As pessoas com uma boa *self*-regulação, como, por exemplo, a gerirem o seu dinheiro ou cumprir prazos, também, à partida, serão boas a controlar os seus impulsos sexuais. A ligação entre a *self*-regulação e a contenção sexual sugere que uma baixa *self*-regulação pode levar a uma incapacidade ou falta de vontade de conter o comportamento sexual (Gailliot, 2007).

Pessoas *self*-conscientes e *self*-reguladas tem bloqueios e inibições internas que as impedem de agir de forma violenta ou agressiva, mesmo quando experimentam estados ou situações que, de outra forma, poderiam levar a uma reação violenta. Ainda assim, estas restrições internas podem acabar por falhar. Uma das funções cruciais do *self* é a sua função executiva, que faz escolhas e toma decisões e que exerce controlo sobre as respostas do eu. As pessoas são capazes de anular e inibir muitas respostas ou tendências, e o *self* consiste em parte numa estrutura para o conseguir. A falha ou o abandono dessa *self*-regulação poderá ser um elo importante na cadeia causal que leva à coerção sexual (Baumeister & Boden, 1998).

Neste estudo debruçámo-nos a investigar variáveis como a *self*-consciência e a *self*-regulação e de que forma estas poderão ajudar a responder a estas questões. Sabemos que

pessoas *self*-conscientes dos seus esquemas tendem a agir conscientemente e como tal apresentam reações mais fortes à rejeição, conhecem mais de si mesmos e acabam também por inferir mais sobre os outros (Nascimento, 2008). Tendem a agir ao invés de reagir. Isto remete-nos a acreditar que um perpetrador de coerção sexual poderá ter um défice nos seus processos de *self*-consciência. Este tem uma reação negativa ao ouvir um “não” por parte do parceiro com o qual se pretende envolver sexualmente e inicia táticas de coerção sexual. Isto poderá ser um indicador de que este indivíduo poderá ter um problema de *self*-regulação.

A Teoria do controlo e *self*-regulação diz-nos que as teorias de *self*-regulação do comportamento humano (e.g., Baumeister & Vohs, 2007; Carver & Scheier, 1981, 2001) se baseiam na teoria do controlo e na noção de homeostasia - sistemas em que os elementos são regulados de forma a que as condições internas permaneçam o mais estáveis possível. Os sistemas de feedback *self*-reguladores podem ser ilustrados com o exemplo de um o termóstato em casas com aquecimento central. O seu objetivo é atingir um equilíbrio estável entre a temperatura ambiente e a temperatura desejada. O termóstato faz um teste comparativo entre a temperatura ambiente e a temperatura desejada: se for detetada uma discrepância, inicia uma ação (aquecimento ligado) e, se for encontrado um equilíbrio, não o faz (desliga-se o aquecimento). A combinação dessa ação com quaisquer influências externas relevantes (por exemplo, uma janela aberta) tem um efeito tangível no ambiente e gera uma nova temperatura ambiente para comparação com o valor desejado. Um ciclo de teste-operação-teste continua até que a temperatura ambiente corresponda ou exceda o valor desejado, até que as comparações não detetem qualquer discrepância e não seja necessária mais nenhuma ação (Elliott, 2017).

Carver e Scheier (1981, 2001) aplicaram estes conceitos ao comportamento humano. A sua abordagem da teoria do controlo do comportamento utiliza circuitos de feedback para explicar o processo de realização de objetivos através de um processo cíclico de comparação, ajustamento, operação e testar o comportamento até que haja equilíbrio entre um estado experimental atual e um estado desejado.

Tendo estabelecido um objetivo a atingir, este sistema de comportamento recebe um valor de entrada (o nosso estado experiencial atual) e um valor de referência (um estado experiencial desejado).

O processo de *self*-regulação compara a entrada e a referência. Se não houver discrepância, então não é necessária mais nenhuma ação, pois as circunstâncias são as que desejamos (Elliott, 2017).

Se for encontrada uma discrepância, então a realização do objetivo requer uma de três ações. Primeiro, o indivíduo pode instigar uma estratégia comportamental que produza um efeito no ambiente externo e, conseqüentemente, gera um novo valor de entrada para comparação com o valor de referência. Se, após a estratégia ter sido executada e testada, a discrepância permanecer, então este processo cíclico pode ser repetido com outras estratégias comportamentais. Em segundo lugar, um indivíduo pode alterar o valor de referência pelo qual é medido o sucesso ou a possibilidade de atingir o objetivo (por exemplo, reduzindo o padrão exigido). Esta mudança "*self*-referencial nos padrões é mais gradual e trabalhosa e é suscetível e provável que só ocorra depois de muitas tentativas de mudança de comportamento terem falhado (Carver & Scheier, 2001). Em terceiro lugar, os indivíduos podem simplesmente abandonar completamente o objetivo.

4. Metodologia

4.1 Objetivo

Este trata-se de um estudo correlacional que tem como objetivo principal estabelecer a relação entre o *self*-esquema sexual, a *self*-consciência e o *self*-controle e a tendência para a utilização de estratégias coercivas subtis nas relações íntimas e posteriormente tentaremos estabelecer um modelo teórico explicativo da Coerção Sexual com as variáveis citadas.

4.2 Amostra

Para este estudo utilizámos uma amostra da população portuguesa. O nosso objetivo inicial neste estudo, com um intervalo de confiança de 95% e erro de 5%, era obtermos uma amostra de, aproximadamente, 300 participantes, preferencialmente 150 mulheres e 150 homens. Foram obtidas um total de 254 respostas ao questionário, das quais extraímos 218 participantes. Os critérios de inclusão para participar neste estudo foram: serem maiores de idade e pessoas que estejam ou já tenham estado, pelo menos uma vez, numa relação íntima. Dos 37 participantes excluídos, 35 nunca estiveram numa relação íntima e 1 dos participantes tinha 16 anos.

A amostra final é constituída por 218 participantes, que se identificam maioritariamente como mulheres (59.2%). Os 3 participantes que responderam “Prefiro não responder” ou “Outro” na questão sobre o sexo com que se identificam teriam de ser excluídos do estudo uma vez que não iriam responder à primeira escala (para homens e mulheres), mas devido a também terem respondido que nunca estiveram num relacionamento, fizeram parte dos 37 participantes excluídos referidos anteriormente. O ensino superior foi a habilitação mais frequente (65.1%), seguido do ensino secundário (31.7%), 3º ciclo (0.9%) e, por fim, o 2º ciclo (1,4%). Dois participantes omitiram o seu grau académico. Relativamente à idade, obtivemos uma média de idades aproximadamente de 26 anos ($DP=9.906$), tendo variado entre os 18 e os 71 anos.

5. Medidas

5.1 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico (QS) foi desenvolvido com o intuito de recolher informação sociodemográfica dos participantes como a idade, género, escolaridade e situação amorosa atual ou passada.

5.2 *Self*-esquema sexual.

O *self-esquema* sexual foi medido através das respetivas versões para mulheres de Andersen e Cyranowski (1994) e para homens (Andersen, 1999).

Para a medida do *self-esquema* sexual das mulheres, Andersen e Cyranowski (1994) verificaram inicialmente que os itens formavam três fatores, que designaram por Apaixonado-Romântico, Abertura-Diretismo e Envergonhado-Conservador. Consideraram que os dois primeiros grupos de itens constituíam fatores com valência positiva, enquanto o grupo Embaraçado-Conservador constituía um fator com valência negativa. Propuseram um modelo bivariado, considerando os dois fatores positivos (Apaixonado-Romântico e Abertura-Diretismo) para formar um continuum positivo, e depois utilizando o fator Embaraçado-Conservador para formar um segundo continuum negativo (valência positiva: $\alpha = .77$ e valência negativa $\alpha = .61$). Para a medida do *self-esquema* sexual dos homens, Andersen et al. (1999) também descobriram que os itens se agrupavam em três fatores, que eles rotularam de Apaixonado-Amoroso, Poderoso-

Agressivo e Aberto-Liberal. No entanto, neste caso, foi determinado que os três fatores pareciam ser positivos, uma vez que a grande maioria dos termos em cada um deles tinha uma valência positiva. Para a medida do *self*-esquema sexual dos homens, combinaram os três fatores numa pontuação total e categorizaram os homens ao longo de um único continuum de pontuações altas a baixas ($\alpha = .84$).

Para este estudo utilizamos a escala (intitulada "Descreva-se a si próprio") que tem 50 itens, com 26 pontuados e 24 de preenchimento. Estudos analíticos de fatores múltiplos revelam dois fatores com uma valência positiva, Apaixonado/Romântico (Fator 1, com adjetivos como: coração mole; carinhoso; sentimental) e Diretismo/Abertura (Fator 2, com adjetivos como: poderoso; dominador; reservado), e um com uma valência negativa, Embaraço ou Conservadorismo (Fator 3, com adjetivos como: conservador; mente aberta; liberal). Os sujeitos classificam os itens numa escala de tipo Likert de 7 pontos, variando entre 0 = Não me descreve de todo e 6 = Descreve-me muito. As pontuações elevadas são interpretadas como positivamente esquemáticas e as pontuações baixas como negativamente esquemáticas.

Instruções de pontuação: Os 27 itens da Escala de *Self*-esquema Sexual Masculino. As pontuações dos fatores são calculadas somando as classificações dos itens listados abaixo. Os itens 2, 10 e 33 são digitados inversamente. Fator 1=4, 13, 18, 19, 22, 27, 31, 36, 38 e 42 ($\alpha = .884$); Fator 2 = 6,1, 9, 10, 11, 24, 26, 29, 30, 33, 34, 41 e 43 ($\alpha = .762$); Fator 3 = 2, 16, 21 e 39 ($\alpha = .546$). Pontuação da escala de *self*-esquema sexual masculino: Total = Fator 1 + Fator 2 + Fator 3.

Instruções de pontuação: Os 26 itens da Escala de *Self*-esquema Sexual Masculino. As pontuações dos fatores são calculadas somando as classificações dos itens listados abaixo. Fator1= 5, 11, 20, 35, 37, 39, 44, 45, 48 e 50 ($\alpha = .882$); Fator 2= 2, 6, 9, 13, 16, 18, 24, 25 e 32 ($\alpha = .883$); Fator 3= 3, 8, 22, 28, 31, 38 e 41 ($\alpha = .686$). Pontuação da escala de *self*-esquema sexual feminina: Total = Fator1 + Fator 2 – Fator3.

Os dados sugerem que o *self*-esquema sexual dos homens deriva da experiência sexual passada, manifesta-se na experiência sexual atual e orienta o comportamento sexual futuro e que as mulheres com *self*-descrições negativas apresentam baixos níveis de emoções românticas ou apaixonadas e baixo envolvimento comportamental em relações sexuais e românticas.

5.3 *Self*-consciência. (Scheie, & Carver, 1977)

A *self*-consciência privada é uma tendência para introspecionar e examinar o nosso interior e os nossos sentimentos. A *self*-consciência pública é uma consciência do eu tal como é visto pelos outros. Este tipo de *self*-consciência pode resultar em *self*-monitorização e ansiedade social. Tanto a *self*-consciência privada como a pública são vistas como traços de personalidade relativamente estáveis ao longo do tempo, mas não estão correlacionadas. O facto de um indivíduo ser elevado numa dimensão não significa que seja elevado na outra. A *self*-consciência pode influenciar fortemente o comportamento. Para além da *self*-consciência pública ($\alpha = .812$) e privada ($\alpha = .514$), a Escala de *Self*-consciência (SCS-R) mede a ansiedade social ($\alpha = .556$). Esta escala revista é aplicável a populações mais generalizadas.

A escala é composta por 22 afirmações, em que o objetivo é as pessoas indicarem até que ponto cada afirmação é parecida com a mesma, utilizando uma escala de escala: 0 a 3 (3 muito parecido comigo, 2 um pouco parecido comigo, 1 um pouco como eu, 0 nada parecido comigo). Esta escala é constituída por questões como: “Estou sempre a tentar perceber-me a mim próprio”; “Penso muito em mim próprio” ou “Sonho frequentemente comigo próprio”.

5.4 Escala de *self*-regulação (Schwarzer et al., 1999)

Esta escala refere-se à *self*-regulação ($\alpha = .813$) pós-intencional, quando os indivíduos se encontram na fase de procura de objetivos e enfrentam dificuldades em manter a sua ação. Nesta situação de manutenção, é necessário concentrar a atenção na tarefa em causa e manter um equilíbrio emocional favorável. Assim, a regulação da atenção e a regulação das emoções estão refletidas nos itens desta escala.

O enunciado é composto por dez afirmações sobre o próprio que podem ou não ser verdadeiras. É utilizada uma escala de 1 a 4 para as pessoas indicarem a sua concordância na escala, composta por questões como: “Conseguo concentrar-me numa atividade durante muito tempo, se necessário”; “Se uma atividade requer uma atitude orientada para o problema, consigo controlar os meus sentimentos” ou “Tenho uma série de pensamentos e sentimentos que interferem com a minha capacidade de trabalhar de forma concentrada”.

5.5 Escalas de Coerção Sexual do Perpetuador e da Vítima

A Escala de Coerção Sexual do Perpetuador (ECSP) (Mathes & McCoy, 2011) foi traduzida e utilizada em língua portuguesa por Ramos (2019), e mede a tendência de um indivíduo praticar atos de coerção sexual, colocando questões como: “Já alguma vez coagiu alguém a ter sexo alcoolizando a pessoa (ou aproveitando-se da mesma por estar alcoolizada)?” ou “Já alguma vez coagiu alguém a ter sexo expondo as suas partes íntimas?”.

Por outra instância, a Escala de Coerção Sexual da Vítima (ECSV) mede a tendência de uma pessoa se tornar vítima deste tipo de violência. Cada um dos itens procura medir a tendência de praticar ou de sofrer um meio coercivo específico, a fim de obter um ganho sexual, nomeadamente o uso de estratégias como o ofender, o discutir, o fazer sentir remorsos, a obrigatoriedade de realizar o ato sexual, a bebida, o suplicar, a chantagem, a ameaça, a força física, a oferta de perdas ou de benefícios financeiros, o acariciar inapropriado, o expor e o tocar inapropriado. Esta é composta por questões como: “Já alguma vez foi coagido/a por alguém a ter sexo, fazendo com que se sentisse culpado/a?” ou “Já alguma vez foi coagido/a por alguém a ter sexo implorando-lhe ou fazendo-lhe sentir pena da pessoa?”.

No que diz respeito à Escala de Coerção Sexual, esta é dividida entre Vítima e Agressor e tem como propósito identificar se existem comportamentos sexuais coercivos na relação – no caso da ECS-Perpetuador, procura reconhecer se o sujeito pratica algum tipo de coerção sexual. No caso da ECS-Vítima, pretende reconhecer se o indivíduo sofreu algum tipo de coerção sexual. É composta por duas partes, uma primeira parte, composta por 13 questões, divididas em: Escala de Coerção Sexual do Perpetuador – Verbal ($\alpha = .840$); Escala de Coerção Sexual do Perpetuador – Tocar/Expor ($\alpha = .886$); Escala de Coerção Sexual do Perpetuador – Coerção Ilegal ($\alpha = .90$) e Escala de Coerção Sexual do Perpetuador – Total ($\alpha = .870$) que têm como intenção identificar os perpetradores de coerção sexual e uma segunda parte composta por 12 questões que procuram identificar a vítima (na escala original esta segunda parte é também constituída por 13 questões mas, por lapso, o último item não foi aplicado). Esta segunda parte é composta por: Escala de Coerção Sexual da Vítima – Verbal ($\alpha = .797$); Escala de Coerção Sexual da Vítima – Tocar/Expor ($\alpha = .870$); Escala de Coerção Sexual da Vítima – Coerção Ilegal ($\alpha = .750$) e Escala de Coerção Sexual da Vítima – Total 1 ($\alpha = .876$).

Para cada uma das partes pede-se para a pessoa assinalar numa escala de 1 a 4 a opção que melhor o caracteriza (1 Não, definitivamente; 2 Não; 3 Sim; 4 Sim, definitivamente).

6. Procedimento

6.1 Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados deste estudo foi realizada através da divulgação de um questionário online nas redes sociais. Este questionário era composto por aproximadamente 120 questões. Na secção 3 os participantes eram encaminhados para diferentes partes do questionário dependendo do sexo com que se identificaram nas questões sociodemográficas. Na primeira escala, as respostas diferiam se a pessoa se identificasse como homem ou mulher, existindo para as mulheres 5 questões a mais do que para a população masculina.

6.2 Procedimento da análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao software IBM SPSS Statistics (SPSS). Neste fizemos a estatística descritiva para caracterizar as variáveis em estudo; a análise correlacional para estabelecer a relação entre variáveis, e iríamos fazer regressões lineares para verificar as variáveis *self*-esquema sexual, da *self*-consciência e *self*-controlo como explicativas das técnicas coercivas subtis. Mas pela falta de correlações significativas não nos foi possível fazer regressões que permitissem estabelecermos uma relação entre as variáveis de modo a percebermos as que têm maior impacto na coerção sexual subtil. Como tal, este é um estudo puramente descritivo correlacional. Nesta análise, foram controladas variáveis como o género, a idade e outras características sociodemográficas, bem como questões relacionadas com as relações íntimas atuais ou passadas.

7. Resultados

Para a análise e caracterização da atual ou passada situação amorosa dos participantes foram efetuadas algumas questões relativas a esta temática posteriormente ao questionário sociodemográfico. Para estas perguntas separamos o questionário em duas partes: se os participantes estivessem numa relação respondiam a uma parte do

questionário, se não estivessem atualmente numa relação respondiam à outra parte do questionário.

Dos participantes que se encontram numa relação (67.0%), a maioria estava numa relação há 1 ano (12.4%) ou 2 anos (11.5%), sendo que estas relações tiveram uma duração variável entre as 3 semanas e os 53 anos de relação, com uma média de relação de 5.207 anos ($DP=7.555$). Esta é a relação mais longa de 48.3% dos participantes, sendo que 27.5% coabita com o seu parceiro. 50% afirma já ter estado numa outra relação e 18.8% refere já ter estado em relações amorosas que consideram abusivas.

Já nos participantes que de momento não se encontram numa relação (33.0%) e que para este estudo se referiram a uma relação passada, a maior parte destes relacionamentos durou 1 ano (8.7%) ou 2 (6.0%), mas variaram entre 1 mês e os 31 anos, com uma média de relação de 2.846 anos ($DP=4.658$). Esta foi a relação mais longa de 26.1% dos participantes e 8.7% chegou a coabitar com este parceiro. 27.2% destes indivíduos já esteve numa outra relação e 10.1% já esteve em relações amorosas que considerou abusivas.

7.1 *Self*-esquema sexual

Foram aplicadas as escalas de Andersen, 1999 e Andersen e Cyranowski, 1994, que avaliam os *Self*-esquemas sexuais dos participantes de modo a tentarmos compreender com melhor clareza a forma como os indivíduos em estudo se caracterizam a si mesmos no campo sexual. Se são mais conservadores ou mais românticos, por exemplo.

TABELA 7.1 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DA ESCALA DO SELF-ESQUEMA SEXUAL

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Apaixonado/ Romântico	215	12,00	58,00	41,07	10,365
Diretismo/ Abertura	215	10,00	67,00	37,69	10,136
Embaraço/ Conservadorismo	215	2,00	35,00	19,38	6,549
<i>Self</i> -esquema total	215	13,00	133,00	71,50	26,465
N válido (de lista)	215				

Na escala referente ao *Self*-esquema sexual, os participantes demonstraram uma grande preferência pelo Fator Apaixonado/ Romântico, tendo sido a média 41,07

($DP=10.26$), que é um valor médio-alto, o que evidencia relações mais fortes com sentimentos de amor em relação ao(s) parceiro(s) romântico(s). E o Fator com que homens e mulheres menos se identificaram foi o Fator do Embaraço/ Conservadorismo, com um nível médio de 19.38 ($DP=6.55$). No que toca ao *Self*-esquema Total, os Participantes também estiveram num valor médio de 71.50 ($DP=26.47$).

TABELA 7.2 CORRELAÇÕES DA ESCALA DE SELF-ESQUEMAS SEXUAIS

		Apaixonado/ Romântico	Diretismo/ Abertura	Embaraço/ Conservadorismo	<i>Self</i> -esquema total
Apaixonado/ Romântico	Correlação de Pearson	1	,412**	,469**	,417**
	Sig. (2 extremidades)		<,001	<,001	<,001
	N	215	215	215	215
Diretismo/ Abertura	Correlação de Pearson	,412**	1	,042	,748**
	Sig. (2 extremidades)	<,001		,543	<,001
	N	215	215	215	215
Embaraço/ Conservadorismo	Correlação de Pearson	,469**	,042	1	-,276**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	,543		<,001
	N	215	215	215	215
<i>Self</i> -esquema total	Correlação de Pearson	,417**	,748**	-,276**	1
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	
	N	215	215	215	215

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

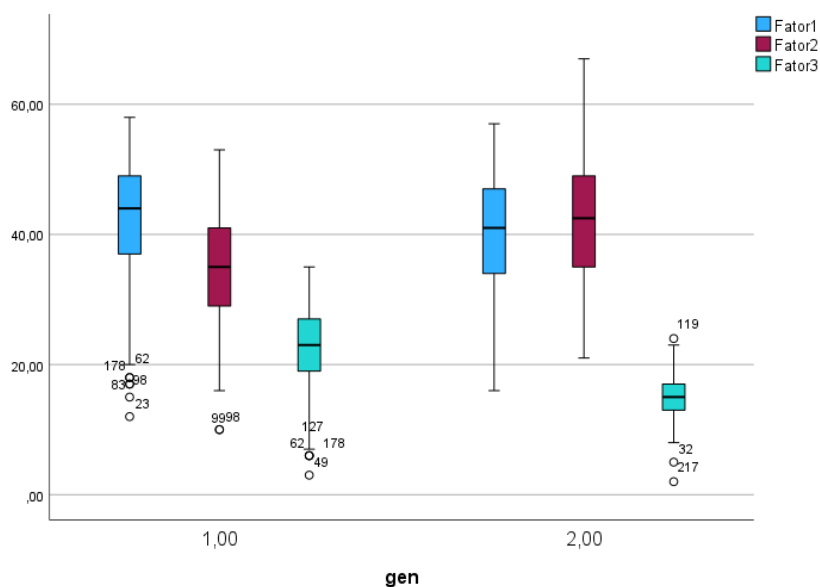
O Fator 1 – Apaixonado/ Romântico - apresenta uma correlação média com todos os fatores (Diretismo/ Abertura e Embaraço/ Conservadorismo) e também com o *Self*-esquema total, o que indica que a paixão/romanticismo tem influência em todos os restantes fatores.

O Fator 2 – Diretismo/ Abertura – tem uma correlação média significativa com os fatores 1 e correlação forte com o *Self*-esquema total, o que poderá ser um indicador de

que quanto melhor for o *self*-esquema total de um indivíduo, maior vai ser a sua capacidade para ser direto e aberto nos relacionamentos.

O Fator 3 – Embaraço/ Conservadorismo tem correlação média com o Fator 1 e correlação negativa com o *self*-esquema total, o que indica que ser embaraçado/ conservador afeta de uma forma negativa o *self*-esquema total.

FIGURA 7.1 GRÁFICO DA ESCALA DE SELF-ESQUEMAS SEXUAIS



No gráfico relativo às diferentes dimensões do *self*-esquema sexual verificamos que no fator 1 Apaixonado/ Romântico, as mulheres são ligeiramente mais amorosas do que os homens, ainda assim, é possível observar vários outliers de mulheres que são muito pouco Apaixonadas/ Românticas. Podemos ver através do Fator 2 Diretismo/ Abertura que os homens são mais desinibidos nesta parte. E, por fim, relativamente ao Fator 3 Embaraço/ Conservadorismo, as mulheres pontuaram mais alto do que os homens, que se revelam menos embaraçados.

7.2 Escala de *Self*-consciência

Na escala de *self*-consciência o nosso objetivo era compreender o nível de consciência que os participantes têm de si mesmos. Se são conscientes de si e das suas ações. Para tal, avaliamos esta componente com as 3 dimensões de *self*-consciência

propostas por Scheie, & Carver, 1977, a *self*-consciência pública, a *self*-consciência privada e a ansiedade social.

TABELA 7.3 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DA ESCALA DE SELF-CONSCIÊNCIA

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
SCPR	218	6,00	27,00	17,03	4,442
SCP	218	4,00	21,00	15,33	3,699
AS	218	,00	18,00	9,66	4,828
N válido (de lista)	218				

Legenda:

SCPR- *Self*-consciência privada

SCP- *Self*-consciência pública

AS- Ansiedade social

Através da escala de *self*-consciência podemos verificar que neste estudo, a *self*-consciência privada surge com uma média de 17.032, ($DP=4.442$). Esta que é o indicador que diz respeito à capacidade de prestar atenção aos sentimentos e pensamentos pessoais, por exemplo, pensar muito em si próprio. Esta subescala varia, segundo os autores, entre 0 e 40, o que significa que a média obtida de 17.032 indica que os participantes têm uma *self*-consciência privada média-baixa. Já a *self*-consciência pública apresenta uma média de 15.335, ($DP=3.699$), que é o indicador de uma consciência geral do próprio enquanto objeto social que tem efeito sobre os outros, como se preocupar com a maneira como se apresenta. Esta subescala varia entre 0 e 28, sendo a média dos participantes 15.335, concluímos que também no que respeita à *self*-consciência pública, os participantes têm uma *self*-consciência média. E, por fim a ansiedade social tem uma média de 9.656, ($DP=4.828$) e define-se pelo mal-estar na presença dos outros, como alguém sentir-se ansioso ao falar em frente a um grupo. A escala da ansiedade social varia entre os 0 e os 24. Sendo que a ansiedade social desponta como reação ao processo de atenção centrada no próprio de *self*-consciência pública e privada e que estes valores se apresentaram como medianos, uma média de 9.656 de ansiedade social aparenta ser uma média média-baixa.

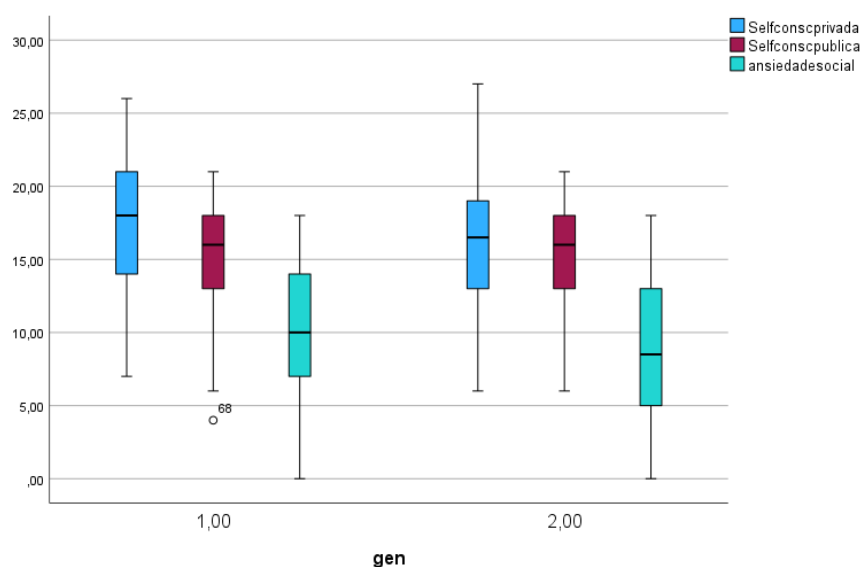
TABELA 7.4 CORRELAÇÕES DA ESCALA DE SELF-CONSCIÊNCIA

		SCPR	SCP	AS
SCPR	Correlação de Pearson	1	,535**	,016
	Sig. (2 extremidades)		<,001	,814
	N	218	218	218
SCP	Correlação de Pearson	,535**	1	,231**
	Sig. (2 extremidades)	<,001		<,001
	N	218	218	218
AS	Correlação de Pearson	,016	,231**	1
	Sig. (2 extremidades)	,814	<,001	
	N	218	218	218

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Ainda assim, como podemos verificar na tabela acima, a *self*-consciência publica tem um valor significativo na correlação com a ansiedade social. Perante resultados semelhantes, os autores Fenigstein et al. (1975) estabeleceram a seguinte sequência: primeiro uma pessoa torna-se consciente dela própria como objeto social. Perante esta consciência publica de si próprio pode avaliar-se e ficar apreensivo podendo ser um antecedente da ansiedade social. De notar, todavia, que a consciência de si próprio não acarreta automaticamente ansiedade social, pois pode-se ter consciência de si próprio sem tal acarretar mal-estar.

FIGURA 7.2 GRÁFICO A ESCALA DE SELF-CONSCIÊNCIA



Quando comparados homens e mulheres neste gráfico, verificamos que, em todos os parâmetros, ambos os gêneros se apresentam similares.

7.3 Escala de *self*-regulação

Para avaliação da *self*-regulação aplicamos a escala de Schwarzer, Diehl, & Schmitz, 1999. Pretendíamos, com esta, entender se os participantes são capazes de ser resilientes nas suas vontades e tarefas, se são capazes de, por exemplo, suprimirem os seus pensamentos ou, se por outro lado, cedem e não se esforçam por se regular quando as situações são mais difíceis.

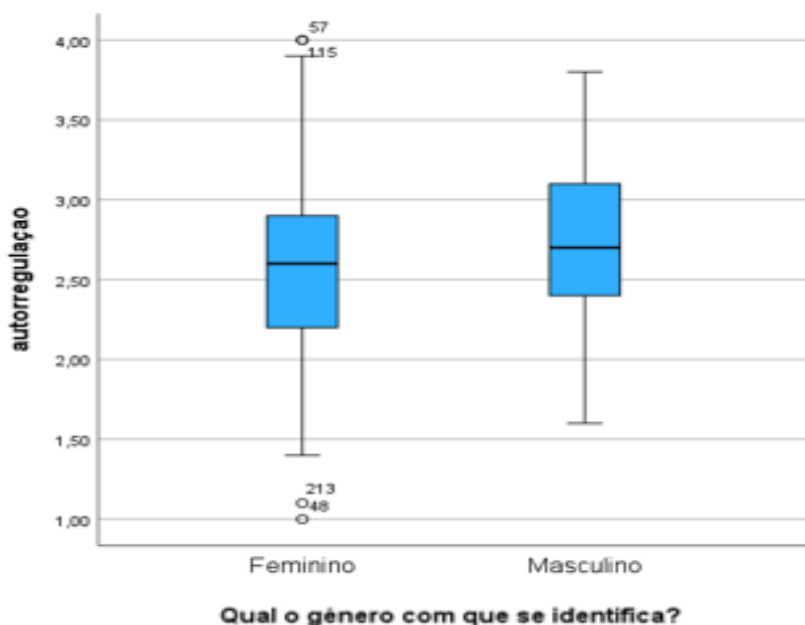
TABELA 7.5 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DA ESCALA DE SELF-REGULAÇÃO

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
<i>Self</i> -regulação	218	1,00	4,00	2,64	,547
N válido (de lista)	218				

Esta escala varia entre 1 e 4, pelo que uma média de 2.643 ($DP=.547$) revela que os participantes têm um nível mediano de *self*-regulação.

Ainda assim, como podemos observar no gráfico abaixo, este aparenta que os homens têm um melhor e nível de *self*-regulação, já as mulheres por sua parte têm um pouco menos de *self*-regulação e podemos observar também a presença de outliers, o que indica que existem mulheres na amostra que se desviam muito da média, tanto por terem uma excelente *self*-regulação, como por praticamente não a terem.

FIGURA 7.3 GRÁFICO DA ESCALA DE SELF-REGULAÇÃO



No que toca ao gráfico da *self*-regulação, verificamos que os homens são ligeiramente mais *self*-regulados, e que nas mulheres podemos observar a presença de vários outliers, querendo isto dizer que nesta amostra, existiram participantes do sexo feminino que saíram da muito da média, demonstrando que algumas mulheres da amostra são excessivamente reguladas, enquanto outras apresentam um défice na sua *self*-regulação.

7.4 Escalas de Coerção Sexual do Perpetuador e da Vítima

As últimas escalas aplicadas aos participantes foram as de coerção sexual de Mathes & McCoy, 2011 com o objetivo de identificarmos quem são os perpetradores e quem são as vítimas da nossa amostra.

TABELA 7.6 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DAS ESCALAS DE COERÇÃO SEXUAL DO PERPETRADOR E DA VÍTIMA

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
ECSP	218	1,00	3,00	1,15	,301
ECSV	218	1,00	3,33	1,55	,582
VV	218	1,00	3,50	1,53	,632
VP	218	1,00	3,00	1,09	,267
TV	218	1,00	4,00	1,88	,976
TP	218	1,00	4,00	1,41	,718
CIP	218	1,00	3,25	1,06	,258
CIV	218	1,00	3,33	1,24	,517
N válido (de lista)	218				

Legenda:

ECSP- escala de coerção sexual do perpetrador

ECSV- escala de coerção sexual da vítima

VV- verbal da vítima

VP- verbal do perpetrador

TV- tocar da vítima

TP- tocar perpetrador

CIP- coerção ilegal perpetrador

CIV- coerção ilegal vítima

Nestas Escalas, todos os valores foram médios/ médio-baixos, variando entre 1,06 - Coerção Ilegal Perpetrador e 1,88 - Tocar Vítima. Ainda assim foram observáveis dois desvios-padrão bastante elevados, tanto no TV (Tocar da vítima) o que indica que foram várias as vítimas de serem tocadas sem o seu consentimento ($DP=.976$), como no TP (Tocar do perpetrador), participantes que tocaram outras pessoas forçosamente ($DP=.718$).

TABELA 7.7 CORRELAÇÕES DAS ESCALAS DE COERÇÃO SEXUAL DO PERPETUADOR E DA VÍTIMA

		ECSP	ECSV	VV	VP	TV	TP	CIP	CIV
ECSP	Correlação de Pearson	1	,359**	,244**	,842**	,390**	,812**	,786**	,285**
	Sig. (2 extremidades)		<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
ECSV	Correlação de Pearson	,359**	1	,912**	,284**	,804**	,306**	,281**	,757**
	Sig. (2 extremidades)	<,001		<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
VV	Correlação de Pearson	,244**	,912**	1	,251**	,534**	,141*	,238**	,654**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001		<,001	<,001	,037	<,001	<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
VP	Correlação de Pearson	,842**	,284**	,251**	1	,182**	,405**	,790**	,321**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001		,007	<,001	<,001	<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
TV	Correlação de Pearson	,390**	,804**	,534**	,182**	1	,496**	,160*	,429**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	,007		<,001	,018	<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
TP	Correlação de Pearson	,812**	,306**	,141*	,405**	,496**	1	,360**	,095
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	,037	<,001	<,001		<,001	,163
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
CIP	Correlação de Pearson	,786**	,281**	,238**	,790**	,160*	,360**	1	,383**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001	,018	<,001		<,001
	N	218	218	218	218	218	218	218	218
CIV	Correlação de Pearson	,285**	,757**	,654**	,321**	,429**	,095	,383**	1
	Sig. (2 extremidades)								
	N	218	218	218	218	218	218	218	218

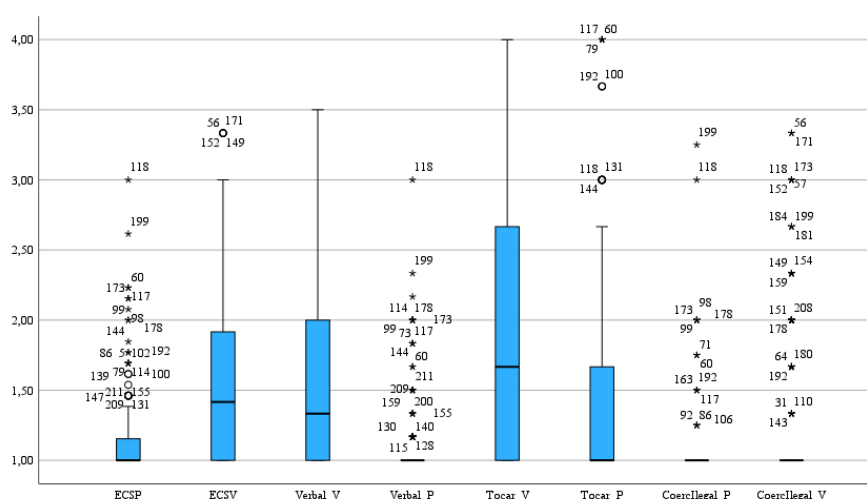
Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	,163	<,001	
N	218	218	218	218	218	218	218	218

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Existe uma correlação muito forte entre a Escala de Coerção Sexual da Vítima e a Escala Sexual da Vítima – Verbal com um valor de correlação de .912 o que indica que esta é a forma de coerção sexual mais sofrida pelas vítimas. Podemos também encontrar correlações fortes entre: a Escala de Coerção Sexual do Perpetrador – Verbal e a Escala de Coerção Sexual do Perpetrador com uma correlação de .842 o que é indicador de que esta é a forma de coerção sexual mais utilizada pelos participantes desta amostra; outra correlação forte existente é entre a Escala de Coerção Sexual da Vítima e a Escala Sexual da Vítima – Toçar com um valor de correlação de .804, ou seja, muitas vítimas também sofreram de coerção sexual através do toque indesejado; uma correlação forte de .812 entre Escala de Coerção Sexual do Perpetrador – Toçar e a Escala de Coerção Sexual do Perpetrador, demonstrando que esta também é uma das táticas de coerção utilizadas pelos perpetradores. A Coerção Ilegal do Perpetrador apresenta uma correlação forte com as Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador – Verbal de .790 e Escala Coerção Sexual do Perpetrador de .786. E por fim ainda existe uma correlação forte entre a Coerção Ilegal da Vítima e a Escala de Coerção Sexual da Vítima de .757.

FIGURA 7. 4 GRÁFICO DAS ESCALAS DE COERÇÃO DO PERPETRADOR E DA VÍTIMA



No gráfico das Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima, verificamos que se nalgumas das medidas parece existir uma média, noutras apenas verificamos a

presença de outliers, o que indica que, principalmente, nas medidas Verbal do Perpetrados, Coerção Ilegal do Perpetrador e das Coerção Ilegal da Vítima as respostas variaram entre todas as possíveis respostas. Um fator interessante, é o facto de que se por um lado existe uma média consistente na medida de Tocar do Perpetrador, por outro também observamos a presença de outliers, ou seja, estes foram os participantes que assumiram já terem tentado tocar noutras pessoas contra a sua vontade. E parece também interessante o facto de que as respostas são muito mais consistentes e com médias mais definidas nas escalas da vítima do que nas escalas do perpetrador, o que poderá indicar que: ou é mais fácil, e mais bem aceite, falar que se foi vítima, do que assumirem que foram perpetradores, mas também poderá indicar que simplesmente a amostra de pessoas deste estudo são maioritariamente pessoas que nunca praticaram quaisquer atos de coerção sexual.

TABELA 7.8 CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS EM ESTUDO

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1. Fator1	<i>r</i> —															
	<i>p</i> —															
2. Fator2	<i>r</i> 0.412 ***	—														
	<i>p</i> < .00 1	—														
3. Fator3	<i>r</i> 0.469 ***	0.042	—													
	<i>p</i> < .00 1	0.543	—													
4. <i>Selfsch_total</i>	<i>r</i> 0.417 ***	0.748 ***	0.276 ***	—												
	<i>p</i> < .00 1	< .00 1	< .00 1	—												
5. <i>Selfconscprivada</i>	<i>r</i> 0.186 **	0.145 *	0.129	0.037	—											
	<i>p</i> 0.006	0.033	0.058	0.593	—											
6. <i>Selfconscpublica</i>	<i>r</i> 0.308 ***	0.120	0.243 ***	0.091	0.535 ***	—										
	<i>p</i> < .00 1	0.080	< .00 1	0.182	< .00 1	—										
7. <i>ansiedadesocial</i>	<i>r</i> 0.154 *	0.290 ***	0.407 ***	0.200 **	0.016	0.231 ***	—									
	<i>p</i> 0.024	< .00 1	< .00 1	0.003	0.814	< .00 1	—									
8. <i>self-regulação</i>	<i>r</i> 0.132	0.186 **	0.181 **	0.116	0.032	0.192 **	0.479 ***	—								
	<i>p</i> 0.053	0.006	0.008	0.089	0.634	0.004	< .00 1	—								
9. ECSP	<i>r</i> 0.019	0.028	0.074	0.009	0.111	0.122	0.044	0.127	—							
	<i>p</i> 0.782	0.682	0.282	0.901	0.102	0.072	0.519	0.061	—							
10. ECSV	<i>r</i> 0.033	0.077	0.066	0.178 **	0.042	0.081	0.006	0.080	0.359 ***	—						

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
	<i>p</i> 0.627	0.263	0.333	0.009	0.534	0.233	0.924	0.238	<.00 1	—						
11. Verbal_V	<i>r</i> 0.046	0.105	0.116	0.249 ***	0.086	0.038	0.020	0.022	0.244***	0.912***	—					
	<i>p</i> 0.502	0.125	0.089	<.00 1	0.206	0.573	0.773	0.742	<.00 1	<.00 1	—					
12. Verbal_P	<i>r</i> 0.075	0.030	0.122	0.049	0.130	0.145 *	0.028	0.079	0.842***	0.284***	0.251***	—				
	<i>p</i> 0.275	0.660	0.073	0.470	0.055	0.032	0.685	0.248	<.00 1	<.00 1	<.00 1	—				
13. Tocar_V	<i>r</i> 0.021	0.019	0.023	0.014	0.010	0.085	0.057	0.105	0.390***	0.804***	0.534***	0.182**	—			
	<i>p</i> 0.763	0.781	0.740	0.843	0.882	0.209	0.404	0.124	<.00 1	<.00 1	<.00 1	0.007	—			
14. Tocar_P	<i>r</i> 0.047	0.010	0.010	0.019	0.026	0.039	0.035	0.135 *	0.812***	0.306***	0.141*	0.405***	0.496***	—		
	<i>p</i> 0.498	0.880	0.889	0.777	0.700	0.571	0.608	0.046	<.00 1	<.00 1	0.037	<.00 1	<.00 1	—		
15. CoercLegal_P	<i>r</i> 0.053	0.038	0.069	0.004	0.163 *	0.157 *	0.050	0.077	0.786***	0.281***	0.238***	0.790***	0.160*	0.360***	—	
	<i>p</i> 0.442	0.578	0.315	0.954	0.016	0.020	0.460	0.257	<.00 1	<.00 1	<.00 1	<.00 1	0.018	<.00 1	—	
16. CoercLegal_V	<i>r</i> 0.077	0.126	0.057	0.167 *	0.038	0.110	0.030	0.109	0.285***	0.757***	0.654***	0.321***	0.429***	0.095	0.383***	—
	<i>p</i> 0.261	0.066	0.406	0.014	0.574	0.104	0.660	0.109	<.00 1	<.00 1	<.00 1	<.00 1	<.00 1	0.163	<.00 1	—

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Quando contemplamos as correlações existentes entre todas as escalas, encontramos uma correlação significativa moderada de .407 entre a Ansiedade Social e o Fator 3 - Embaraço/ Conservadorismo, o que nos diz que quando a pessoa sofre de Ansiedade Social acaba por ser mais embaraçada e conservadora. Encontramos também uma correlação moderada entre a Ansiedade Social e a *Self*-regulação, com um valor de .479 o que nos pode indicar que quando a pessoa tem Ansiedade acaba por ser mais *self*-regulada nas suas ações. Existem ainda correlações moderadas fracas entre a *Self*-Consciência Pública e os Fatores 1 – Apaixonado/ Romântico de .308 e 3 - Embaraço/ Conservadorismo de .243 e estas correlações podem dever-se ao facto de estes dois fatores serem os que publicamente são mais observados e julgados pelos outros. E ainda uma correlação moderada entre a Ansiedade Social e o Fator 2 - Diretismo/ Abertura de valor .290 e a *Self*-Consciência Total de valor .200. Encontramos ainda uma correlação quase moderada de .192 entre a *Self*-regulação e a *Self*-Consciência Pública o que indica que os participantes têm uma *self*-regulação das suas atitudes por terem também consciência de que a Coerção Sexual afeta a sua imagem pública, a sua imagem perante os outros.

7.5 Variáveis da Vitimização e da Perpetração

Foram criadas duas variáveis fazendo um somatório de todas as medidas de vitimização e perpetração das Escalas de Coerção Sexual do Perpetuador e da Vítima e foram subtraídos 3 pontos para as escalas começarem em 0. Estas variáveis foram pensadas para facilitar a visualização de quem são as pessoas que perpetram a coerção sexual e quem não e de quem sofreu destes atos e quem não.

TABELA 7.9 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DAS VARIÁVEIS DE VITIMIZAÇÃO E DA PERPETRAÇÃO

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Vitimização Total	218	,00	7,33	1,65	1,771
Perpetração Total	218	,00	6,00	,55	1,025
N válido (de lista)	218				

A Vitimização surge com uma média de 1.65 (DP= 1,77) e a Perpetração surge com uma média de 0.55 (DP= 1,02) o que é um indicador de que esta amostra não foi nem muito vitimizada, nem muito perpetradora de coerção sexual.

TABELA 7.10 CORRELAÇÕES DAS VARIÁVEIS DE VITIMIZAÇÃO E PERPETRAÇÃO

	Vitimização Total	Perpetração Total
Vitimizção Total	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	,392**
	N	218
Perpetração Total	Correlação de Pearson	,392**
	Sig. (2 extremidades)	<,001
	N	218

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Encontramos uma correlação positiva fraca entre a Vitimização e a Perpetração de .392.

TABELA 7.11 CORRELAÇÃO ENTRE A VITIMIZAÇÃO E A PERPETRAÇÃO COM AS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E COM AS QUESTÕES SOBRE AS RELAÇÕES ATUAIS

		r	p
Vitimização	- Idade	4.968e ⁻⁴	0.994
Vitimização	- Escolaridade	-0.062	0.364
Vitimização	- Relação atual (N/S)	-0.031	0.650
Vitimização	- Tempo Relação Atual	-0.143	0.091
Vitimização	- Relação mais Longa (N/S)	-0.298 ***	<.001
Vitimização	- Coabitação (N/S)	0.015	0.862
Vitimização	- Outras Relações (N/S)	0.212 *	0.011
Vitimização	- Relações Abusivas (N/S)	0.396 ***	<.001
Vitimização	- Género	-0.190 *	0.031
Perpetração	- Idade	0.095	0.162
Perpetração	- Escolaridade	-0.116	0.090
Perpetração	- Relação atual (N/S)	0.070	0.301
Perpetração	- Tempo Relação Atual	-7.771e ⁻⁴	0.993
Perpetração	- Relação mais Longa (N/S)	-0.001	0.986
Perpetração	- Coabitação (N/S)	0.136	0.102
Perpetração	- Outras Relações (N/S)	-0.062	0.462
Perpetração	- Relações Abusivas (N/S)	-0.029	0.725
Perpetração	- Género	-0.041	0.544
Tempo Relação Atual	- Relações Abusivas (N/S)	-0.191 *	0.023
Relação mais Longa (N/S)	- Outras relações (N/S)	-0.358 ***	<.001
Relação mais Longa (N/S)	- Relações Abusivas (N/S)	-0.288 ***	<.001
Coabitação (N/S)	- Relações Abusivas (N/S)	0.067	0.424
Outras relações (N/S)	- Relações Abusivas (N/S)	0.345 ***	<.001

Relações Abusivas (N/S)	- Género	-0.221 **	0.008
-------------------------	----------	-----------	-------

* p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Nota: foi utilizado *Spearman rho* para a correlação com variáveis dicotómicas e o *r* de *Pearson* em variáveis contínuas.

A Vitimização apresenta correlação fraca negativa de -.272 com a questão “É a sua relação mais longa?” o que nos mostra que não é necessariamente nas relações mais longas em que há mais vitimização. Bastantes dos participantes que estão há mais tempo em relações (Há quanto tempo se encontra nesta relação?) coabitaram com o seu parceiro (Coabita com o seu parceiro?) o que é possível de ser assumido mediante a correlação moderada de .442 entre as variáveis. Outra correlação relevante é a correlação moderada entre a variável “Está, ou já esteve, em relações amorosas que considere abusivas?” e a Vitimização Total com um valor de .425, o que é expectável, uma vez que pessoas que estiveram em relações amorosas abusivas foram vítimas de alguma forma de abuso físico ou mental. E por sua vez ter estado em relações que considerem abusivas também se correlaciona, ainda que de forma fraca, .345, com “Já esteve noutras relações?” o que indica que quem esteve em relações abusivas também teve outras relações além daquela.

TABELA 7.12 CORRELAÇÃO ENTRE A VITIMIZAÇÃO E A PERPETRAÇÃO E QUESTÕES SOBRE AS RELAÇÕES ANTERIORES

		r	p
Vitimização	- Tempo Relação Antiga	0.059	0.623
Vitimização	- Relação Longa (N/S)	-0.003	0.978
Vitimização	- Coabitou (N/S)	-0.010	0.934
Vitimização	- Outras Relações (N/S)	0.108	0.364
Vitimização	- Outras Relações Abusivas (N/S)	0.211	0.075
Perpetração	- Tempo Relações Antigas	0.072	0.550
Perpetração	- Relação mais Longa (N/S)	-0.050	0.675
Perpetração	- Coabitou (N/S)	0.227	0.055
Perpetração	- Outras Relações (N/S)	0.051	0.671
Perpetração	- Outras Relações Abusivas (N/S)	-0.020	0.866
Tempo Relação Antiga	- Relação mais Longa (N/S)	0.347 **	0.003
Tempo Relação Antiga	- Coabitou (N/S)	0.490 ***	< .001
Relação mais Longa (N/S)	- Outras Relações Abusivas (N/S)	0.068	0.573
Outras Relações (N/S)	- Outras Relações Abusivas (N/S)	0.030	0.805

* p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Nota: foi utilizado *Spearman rho* para a correlação com variáveis dicotômicas e o *r* de *Pearson* em variáveis contínuas.

Existe uma correlação moderada entre a varável “Coabitou com o seu parceiro?” e a variável “Quanto tempo durou a sua relação?” de .505 o que é indicador de que quanto maior foi a relação, mais provável foi de terem coabitado com o seu parceiro. E uma outra correlação negativa fraca é observável entre “Além dessa, já teve outras relações?” e a variável “Foi a sua relação mais longa?” de -.241, dizendo que quanto mais longas são as relações menos relações a pessoa teve além dessa.

TABELA 7.13 CORRELAÇÃO ENTRE A VITIMIZAÇÃO E PERPETRAÇÃO E AS RESTANTES VARIÁVEIS EM ESTUDO

Variáveis		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Vitimização Total	<i>r</i>	1									
	<i>p</i>										
2. Perpetração Total	<i>r</i>	,392**	1								
	<i>p</i>	<,001									
3. Apaixonado/Romântico	<i>r</i>	-,027	,000	1							
	<i>p</i>	,690	,998								
4. Diretismo/Abertura	<i>r</i>	-,063	-,025	,412**	1						
	<i>p</i>	,356	,719	<,001							
5. Embaraço/Conservadorismo	<i>r</i>	,046	-,056	,469**	,042	1					
	<i>p</i>	,506	,414	<,001	,543						
6. Self-esquema total	<i>r</i>	-,145*	-,002	,417**	,748**	-,276**	1				
	<i>p</i>	,034	,980	<,001	<,001	<,001					

7. <i>Self</i> - consciência privada	<i>r</i>	,025	-,093	,186**	,145*	,129	,037	1			
	<i>p</i>	,713	,169	,006	,033	,058	,593				
8. <i>Self</i> - consciência pública	<i>r</i>	-,093	-,104	,308**	,120	,243**	,091	,535**	1		
	<i>p</i>	,172	,125	<,001	,080	<,001	,182	<,001			
9. Ansiedade social	<i>r</i>	-,016	-,044	,154*	-,290**	,407**	-,200**	,016	,231**	1	
	<i>p</i>	,820	,515	,024	<,001	<,001	,003	,814	<,001		
10. <i>Self</i> - regulação	<i>r</i>	,097	,135*	-,132	,186**	-,181**	,116	-,032	-,192**	-,479**	1
	<i>p</i>	,152	,047	,053	,006	,008	,089	,634	,004	<,001	

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Quando feitas as correlações entre as diferentes escalas e as nova variáveis (Vitimização e Perpetração) encontramos apenas duas correlações significativas. Uma correlação significativa negativa de -0.145 entre o *Self*-esquema total e a Vitimização, o que nos diz que quanto maior é a vitimização de uma pessoa, menor será o seu *self*-esquema total ou que quanto maior é o *self*-esquema total, menor é a vitimização. E encontramos ainda uma correlação um pouco preocupante entre a *Self*-regulação e a Perpetração... querera isto dizer que as pessoas que perpetram a coerção sexual são na verdade pessoas com bons níveis de *self*-regulação? Esta é uma questão intrigante à qual, infelizmente, este estudo não consegue dar resposta.

8. Discussão

O objetivo inicial deste estudo era contribuir para um modelo teórico explicativo da coerção sexual, através dos *self*-esquemas sexuais, da *self*-consciência e da *self*-regulação. Contudo, os resultados obtidos nesta investigação ficaram aquém do que era esperado. Em todas as escalas aplicadas os resultados das mesmas foram medianos. No que respeita às correlações, foram apenas identificadas duas correlações significativas, mas que não se revelaram suficientes para que se retirem conclusões concretas relativamente à coerção sexual, nem para que se efetuem as regressões necessárias para que fosse possível estabelecer um modelo teórico. Não é possível a realização de uma generalização concebida a partir das variáveis em estudo que poderiam ser uma chave para a previsão de comportamentos futuros. Como tal, não conseguimos tirar conclusões relativamente às variáveis que pensamos que poderiam explicar e/ou que teriam mais influencia na perpetração da coerção sexual, se seriam os *self*-esquemas sexuais, a *self*-consciência ou a *self*-regulação. E isto poderá dever-se, por exemplo, ao facto de a amostra que recolhemos para este estudo se ter revelado normativa, isto é, os participantes nem foram muito perpetradores de coerção sexual, nem foram muito coagidos.

Os resultados deste estudo não corresponderam ao que era esperado, pelo que levantamos algumas das hipóteses que podem ter conduzido a este insucesso: o facto de a nossa amostra não ter sido suficientemente coerciva; as medidas utilizadas não terem sido suficientemente adequadas e sensíveis; as medidas poderão estar mal desenhadas e

não medir adequadamente a coerção e a falta de resultados poderá dever-se a um problema social de normalização de comportamentos coercivos.

A amostra utilizada para este estudo foi de 219 pessoas, e revelou ser uma amostra pouco perpetradora e/ou vítima de coerção sexual, o que é algo positivo, mas que deixa a amostra deste estudo homogénea, não nos permitindo tirar conclusões diferenciadoras. Quando observamos os resultados, encontramos uma perpetração média de 0.55 numa escala de 8 e que é composta essencialmente pela presença de outliers. Isto indica-nos que: ou os participantes realmente não perpetram ou não assumem que o fazem pelo receio de julgamento por parte dos outros. Em estudos realizados noutros países os resultados relativamente à perpetração de coerção sexual revelaram-se bastante diferentes. Numa investigação na República Checa, aproximadamente, 11% das mulheres com mais de 15 anos revelaram já ter sido coagidas a praticar atos sexuais contra a sua vontade ao longo da vida. A maior prevalência entre as mulheres também foi observada num estudo na Austrália, equivalente a 21,1 e 4,8% entre indivíduos de 16 a 59 anos do sexo feminino e masculino, respetivamente (Moraes, 2006). Todos estes estudos foram realizados com amostras de grande dimensão, com número de participantes superior a 1000. Isto poderá indicar que, para possíveis estudos futuros sobre este tema, poderá ser adequada a utilização de uma amostra maior e uma população mais específica que permita a identificação de perpetradores. Deste modo poderá ser possível que as variáveis sejam devidamente despistadas ou corroboradas como fatores influenciadores de coerção sexual. Ou, como este estudo nos dá a entender, o *self*-esquema, a *self*-consciência e a *self*-regulação, de facto, não têm influência no aumento ou diminuição da perpetração e este não é o caminho a seguir na investigação de comportamentos coercivos.

Outro possível aspeto que pode ter influenciado a escassez dos resultados desta investigação, é a qualidade das medidas que foram utilizadas para este estudo.

As Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima foram convertidas a duas novas variáveis neste estudo, a Vitimização e a Perpetração, com o objetivo de construirmos uma medida latente com base nas medidas recolhidas que nos permitisse perceber quem são os participantes que perpetram e quem são os participantes que foram vítimas de coerção sexual, de modo a trazer alguma clareza aos resultados. Estas duas novas variáveis apresentaram uma correlação positiva entre si. Como já foi estudado pela literatura anteriormente a perpetração e a vitimização encontram-se associadas, sugerindo que vítimas de abuso apresentam níveis superiores de probabilidade de se virem a tornar

perpetradores, sendo que já foi inclusive demonstrado que os homens perpetram quatro vezes mais coerção sexual do que as mulheres (Freitas, 2020). Tal foi comprovado também no estudo de Paiva & Figueiredo (2004), em que concluíram que a perpetração e a vitimização se encontram correlacionadas e refletem que os sujeitos vítimas de abuso têm uma probabilidade superior de serem igualmente perpetradores.

Aplicamos as escalas do *Self*-esquema Sexual para mulheres de Andersen e Cyranowski (1994) e para homens de Andersen (1999). Nesta escala os participantes identificaram-se mais com o Fator 1 que é o fator Apaixonado/ Romântico, o que nos pode levar a acreditar que, por esta ser uma qualidade tão predominante nos participantes, esta poderá uma amostra menos perpetradora e mais respeitadora dos limites do outro. Por outro lado, também o Fator 2, Diretismo/ Abertura, teve uma média bastante elevada. E aqui encontramos uma correlação muito significativa com o *Self*-esquema Total, o que nos mostra que as indivíduos que apresentam uma pontuação mais elevada na medida total de *self*-esquemas sexuais, acabam por ser mais abertos e diretos no que toca ao contacto com o outro, vindo confirmar o que a literatura tem afirmado, que indivíduos com um *self*-esquema sexual mais positivo podem refletir mais positivamente sobre as experiências sexuais ou podem estar abertos a mais formas de comportamento sexual. (Markus & Wurf, 1987). Por fim, nesta escala, o Fator 3 do Embaraço/ Conservadorismo foi o que apresentou uma média mais baixa e ainda uma correlação negativa como o *Self*-esquema total. Isto é indicador de que pessoas mais conservadoras e embaraçadas são as menos confiantes relativamente à sua sexualidade, o que poderá predizer mais inibição para a perpetração sexual. Ainda assim, apesar desta característica ter sido a que apresenta uma média mais baixa, isso não se refletiu de forma significativa com a perpetração. Nenhum dos 3 fatores foi significativo na predição quer da vitimização, quer da perpetração, o que não nos permitiu retirar conclusões que correlacionem os 3 fatores com as duas variáveis. Apenas o *Self*-esquema total revelou ser significativo, ainda que de forma fraca, com a Vitimização, o que era previsível já que a violência praticada por um parceiro íntimo apresenta impactos bastante negativos no bem-estar emocional e social, e o dano causado pode durar uma vida inteira, abrangendo diversas áreas como a saúde, a educação e o trabalho (Anda et al, 2001; Dube et al, 2002 citado em OMS, 2012). Isto demonstra que pessoas que tenham sido vítimas de coerção sexual acabam por ter a sua vida afetada, não só a nível sexual, mas também em vários ramos da sua vida,

resultando num *self*-esquema mais pobre. Deste modo, a vitimização afeta negativamente o *self*-esquema total do indivíduo.

Posteriormente foi aplicada, em questionário, a escala de *Self*-Consciência de Scheier e Carver. Composta pelas variáveis *Self*-Consciência Pública, *Self*-Consciência Privada e Ansiedade Social e nenhuma destas variáveis se correlaciona de forma significativa com as variáveis de vitimização e de perpetração, pelo que a *self*-consciência aparenta não estar correlacionada com a coerção sexual. Com a escassez destes resultados, percebemos que esta medida pode não ter sido escolha mais adequada para operacionalizar a *self*-consciência. Esta é uma escala que avalia de forma generalista a *self*-consciência e que não aborda o lado sexual do indivíduo. Apesar de esperarmos que a *self*-consciência privada (a forma como os indivíduos se percebem) e a *self*-consciência pública (a forma como os indivíduos acreditam ser vistos pelos outros), nos dessem algumas respostas relativamente ao comportamento de inibição ou desinibição dos participantes, tal não se verificou, pelo que não podemos fazer associações com os comportamentos sexuais dos mesmos, uma vez que, como referido anteriormente, pessoas *self*-conscientes são capazes de anular e inibir muitas respostas ou tendências que de outra forma ocorreriam (Baumeister & Boden, 1998).

Relativamente à *Self*-regulação os resultados não foram os espectáveis. Quando correlacionada com a Vitimização e Perpetração, obtivemos uma correlação significativa, ainda que fraca, entre a *Self*-regulação e a Perpetração. Isto poderá ser um indicador de que os perpetradores sejam, na realidade, pessoas *self*-reguladas. Talvez as pessoas que praticam a perpetração sejam extremamente controladas e nos poucos momentos de fraqueza realizem estes atos. Mas a hipótese que nos parece ser a mais plausível é que isto esteja associado ao problema social de normalização dos comportamentos coercivos. As pessoas até são *self*-reguladas nas diversas áreas da sua vida, e mesmo no campo sexual, mas os comportamentos sexuais coercivos subtis estão tão normalizados na sociedade portuguesa (população em estudo) que acabam por ser vistos como normais e um não problema. Muitas vezes os indivíduos associam a coerção sexual apenas à relação sexual que faz alusão ao sexo penetrativo. Assim, se uma pessoa sofreu imposição de contatos sexuais (por exemplo, manipulação de órgãos sexuais ou toques) sem interpretar o acontecimento como relação sexual propriamente dita pode ter respondido, negativamente, às questões da perpetração de coerção sexual. Isso configuraria mais um fator a contribuir para subdeclaração de tais eventos (Moraes, 2006). Os perpetradores

em relacionamentos íntimos em comparação com aqueles em relacionamentos casuais, e com precedência sexual em comparação com aqueles sem, são mais propensos a iniciar a interação coerciva com maiores expectativas de ter relações sexuais com as suas parceiras (Wegner et al., 2014). Os agressores com precedência sexual também eram mais propensos a sentir que a mulher lhes devia sexo (Wegner et al., 2014). Há também alguma evidência de que, à medida que a intimidade das relações aumenta, as violações de recusa sexual por parte dos homens passam a ser vistas como menos coercivas e mais aceitáveis, e os direitos das mulheres à recusa da atividade sexual passam a ser vistos como menos aceitáveis (Margolin et al., 1989; Tamborra et al., 2014). Com esta ideia cristalizada no senso comum, é difícil distinguir o que é o normal ou não em relacionamentos íntimos para os perpetradores. Deste modo, pessoas *self*-reguladas podem ser perpetradoras na medida em que não têm consciência de que os atos coercivos que praticam não são corretos por serem o “normal”. Ou ainda, uma outra hipótese plausível para estes resultados poderá ser a existência de uma maior tendência para o controlo nas pessoas com elevados níveis de *self*-regulação. O facto de as pessoas serem *self*-reguladas serem também as que mais perpetuam pode querer dizer que este comportamento não é impulsivo, mas decorrente da sua vontade. A *self*-regulação poderá facilitar (ou mediar) a coerção na presença de outros indicadores que não foram medidos neste estudo.

Com este estudo percebemos que as variáveis selecionadas não são explicativas da coerção sexual. Como tal, para futuros estudos acreditamos que seria interessante serem aprofundados outros fatores de modo a tentar entender a real fonte deste problema difundido na nossa sociedade que é a coerção sexual. Outro ponto interessante, passível de ser estudado, seria o impacto da coerção sexual subtil nos relacionamentos a longo prazo. Causará este comportamento sequelas nas relações como a degradação da confiança no parceiro? Diminuição da satisfação sexual? Levará esta perpetuação de padrões de relacionamento disfuncionais uma deterioração do vínculo emocional? O estudo destas questões relativas aos efeitos da coerção sexual, poderia trazer grandes benefícios, na medida em que seria um alerta dos malefícios destes comportamentos nas relações e também poderia ajudar numa melhor compreensão do que são estes comportamentos problemáticos.

Em suma, consideramos que o presente estudo forneceu o seu contributo na medida em que excluiu algumas variáveis que seriam passíveis de ser associadas à coerção sexual

e aprofundou um pouco mais o estudo desta problemática ainda tão pobremente desenvolvida.

9. Referências Bibliográficas

- Alsaker, K., Moen, E., Baste, V., Morken, T. (2018). Sexual coercion in marriage or cohabitation is linked to other types of partner violence. *Sykepleien Research*, 70230, e-70230. <https://doi.org/10.4220/sykepleienf.2018.70230>
- Anderson, B. (1996). Correlates of college women's *self*-reports of heterosexual aggression. *Sexual Abuse*, 8, 121–131.
- Anjos, S. (2022). Coerção sexual entre parceiros íntimos. Repositório da Universidade do Algarve. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/18228>
- APAV. (2023). Estatísticas APAV. Relatório Anual. Disponível em: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/APAV_Totais_Nacionais_2023.pdf
- Barbaro, N., Holub, M., Shackelford, T. K. (2018). Associations of Attachment Anxiety and Avoidance With Male-and Female-Perpetrated Sexual Coercion in Romantic Relationships.
- Basten, C., Touyz, S. (2020). Sense of *self*: Its place in personality disturbance, psychopathology, and normal experience. *Review of General Psychology* 24 (2): 159–171. <https://doi.org/10.1177/1089268019880884>
- Basting, E., Barret, M., Garner, A., Florimbio, A., Sullivan, J., Medenblik, A., Stuart, G. (2023). Sexual Narcissism and Hypersexuality Relate to Sexual Coercion in Hookups among U.S. University Students [Review of Sexual Narcissism and Hypersexuality Relate to Sexual Coercion in Hookups among U.S. University Students]. *Archives of Sexual Behavior*, 52:2577–2588. <https://doi.org/10.1007/s10508-023-02580-z>
- Baumeister, F., Boden, M. (1998). Aggression and The *Self*: High *Self*-Esteem, Low *Self*-Control, And Ego Threat.
- Baumeister, R. (1999). *Self*-concept, *self*-esteem, and identity. In *Personality: Contemporary Theory and Research*, 339–375. Chicago, IL: Nelson-Hall Publishers.
- Bouffard, J., Miller, H. (2023). Mediators of the Link Between Psychopathy and Sexual Coercion: The Role of Rape Myth Acceptance, Arousal, and Misperception of Sexual Interest. *Violence against Women*, 29(12-13), 2348–2371. <https://doi.org/10.1177/10778012231189480>
- Browne, K. (1994). Child sexual abuse. In J. Archer (Ed.), *Male violence* (pp. 210–230). London: Routledge
- Coutinho, L. (1997). Convergências e divergências nas teorias do narcisismo de Kohut e de Lacan. *Psicopat. Fund.*, II, 2, 37-51
- Degue, S., Dilillo, D. (2004). Understanding Perpetrators of Nonphysical Sexual Coercion: Understanding Perpetrators of Nonphysical Sexual Coercion:

Characteristics of Those Who Cross the Line Characteristics of Those Who Cross the Line. <https://digitalcommons.unl.edu/psychfacpub>

- Degue, S., Dilillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 22(4), 402–426. <https://doi.org/10.1177/1079063210372140>
- DiMarco, D., Savitz, R. (2024). An Examination of Sexual Coercion Perpetrated by Women: Sexuality & Culture. *Sexuality & Culture*, 28(1), 41–53. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10102-1>
- Duval, S., Wicklund, A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic
- Farris, C., Treat, T. A., Viken, R. J., & McFall, R. M. (2008). Sexual coercion and the misperception of sexual intent. *Clinical psychology review*, 28(1), 48-66. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.03.002>
- Francisco, J. (2022). Coerção sexual: o que é e como podemos evitá-la. A mente é maravilhosa. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/coercao-sexual/>
- Freitas, S. (2020). Vitimização Sexual: Estudo Exploratório acerca da Satisfação Sexual e Satisfação com a Vida em Estudantes Universitárias. U.Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129930/2/428004.pdf>
- Hanson, F., Saunders, B., Kilpatrick, D., Resnick, H., Crouch, A., Duncan, R. (2001). Impact of childhood rape and aggravated assault on adult mental health. *American Journal of Orthopsychiatry*, 71, 108–119. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/dkMrgBWZmdCrCp9tL6cKn3n/?format=pdf>
- Ilabaca, P., Fuertes, A., Orgaz, B. (2015). Impact of Sexual Coercion on Mental Health and Attitude Toward Sexuality: A Comparative Study Between Bolivia, Chile, and Spain. *PSYKHE*. Vol. 24, 1, 1-13 doi:10.7764/psykhe.24.1.558
- Jeffrey, K., Barata, C. (2017). “He Didn’t Necessarily Force Himself Upon Me, But.. ”: Women’s Lived Experiences of Sexual Coercion in Intimate Relationships With Men. *Violence Against Women*, 23(8), 911–933. <https://doi.org/10.1177/1077801216652507>
- King, M., Coxell, A., Mezey, G. (2002). Sexual molestation of males: Associations with psychological disturbance. *British Journal of Psychiatry*, 181, 153–157
- Krahé, B., Waizenhöfer, E., Möller, I. (2003). Women’s sexual aggression against men: Prevalence and predictors. *Sex Roles*, 49, 219-232. doi:10.1023/A:1024648106477
- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among people in Europe: A Review of the evidence from 27 EU countries. *Aggression and Violent Behaviour*, 19 (5), 545-558. doi: 10.1016/j.avb.2014.07.005
- Linhares, M., Martins, C. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *SciELO Brasil*. 32(2) <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200012>
- Macedo, R., Silveira, C. (2012). *Self*: Um conceito em desenvolvimento. In *Paideia* (Vol. 22, Issue 52, pp. 281–289). <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000200014>

- Mai, K., Hoque, Z. (2023). Individual *Self* versus Collective *Self*: Performance Measures for Academics in a Collectivist Culture. *Behavioral Research in Accounting*, 1–19. <https://doi.org/10.2308/bria-19-066>
- Markus, H. (1983). Self-knowledge: An expanded view. *Journal of Personality*, 51(3), 543–565. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1983.tb00344.x>
- Moraes, C., Cabral, C., Heilborn, M. (2006). Magnitude e caracterização de situações de coerção sexual vivenciadas por jovens de três grandes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(7):1493-1504. <https://www.scielo.br/j/csp/a/RXbV6ZdNg9mTZCnMKDckkVM/?lang=pt&format=pdf>
- Mueller, K., Rehman, S., Fallis, E., Goodnight, A. (2016). An Interpersonal Investigation of Sexual *Self*-Schemas. *Archives of Sexual Behavior*, 45(2), 281–290. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0638-6>
- Nascimento, M. (2008). Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo (Tese de doutoramento, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil).
- OMS. (2021). OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%Aancia>
- Organização Mundial da Saúde. (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. ISBN 978- 92-75-71635-9.
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*. 36, 75-107.
- Paulo, S. (2006). O LUGAR DO CORPO NA PSICANÁLISE DE WINNICOTT. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15478/1/Dissertacao%20FABIOLA%20POZUTO%20JOSGRILBERG.pdf>
- Raffaelli, R. (2002). Imagem e *self* em Plotino e Jung: confluências. *SciELO Brazil*. 19(1) <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100003>
- Rani, A., Hassa, N., F. (2020). Suffering in Silence: Stories of Indian Women with Chronic Mental Illness and Sexual Coercion. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 42(2)
- Schatzel-Murphy, A., Harris, A., Knight, A., Milburn, A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974–986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>
- Siegel, M., Golding, M., Stein, A., Burnam, A., Sorenson, B. (1990). Reactions to sexual assault: A community study. *Journal of Interpersonal Violence*, 5, 229-246. doi:10.1177/088626090005002007
- Simons, L., Simons, R., Lei, M., Sutton, T. (2012). Exposure to Harsh Parenting and Pornography as Explanations for Males' Sexual Coercion and Females' Sexual Victimization. *Violence and Victims*, 27(3), 378–395. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.27.3.378>

- Struckman-Johnson, C. & Struckman-Johnson, D. (2001). Men's reactions to female sexual coercion. *Psychiatric Times*, 17(3), 1-8.
- Teixeira, L. (2013) - Intimidade e desejo sexual nas relações de casal: o paradoxo da diferenciação conjugal. Repositório científico da UC. Tese de doutoramento. Disponível na WWW: <http://hdl.handle.net/10316/31617>
- Transtorno Narcisista. Contem Psicologia. Disponível em: <https://www.contempsicologianarcisismo.com/transtornonarcisista>
- Vieira, A. P. (2020). O que é autoconsciência e porque é importante. Ana Paula Vieira. <https://anapaulavieira.pt/o-que-e-autoconsciencia-e-porque-e-importante/>
- Wegner, R., Pierce, J., & Abbey, A. (2014). Relationship type and sexual precedence: Their associations with characteristics of sexual assault perpetrators and incidents. *Violence Against Women*, 20, 1360–1382.
- Winter, L. (1988). False consensos on sexual behavior among college women: Comparison of Perspectives, 20(3), 123-127.
- Wolfe, D. A., Scott, K. L., & Crooks, C. V. (2005). Abuse and Violence in Adolescent Girls' Dating Relationships. In D. J. Bell, S. L. Foster, & E. J. Mash (Eds.), *Handbook of behavioral and emotional problems in girls* (pp. 381–414). Kluwer Academic/Plenum Publishers. https://doi.org/10.1007/0-306-48674-1_13
- Zweig, M., Barber, L. & Eccles, S. (1997). Sexual coercion and well-being in young adulthood: Comparisons by gender and college status. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 291-308. doi:10.1177/088626097012002009